



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

ADÃO RICARDO PEREIRA DE ALMEIDA

A vida em comum no presbitério
A partir dos simpósios do clero em Portugal

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor Joaquim Augusto Félix de Carvalho

Braga
2012

Tábua de abreviaturas

Siglas dos Simpósios

SdC1 = Simpósio do Clero 1

SdC2 = Simpósio do Clero 2

SdC3 = Simpósio do Clero 3

SdC4 = Simpósio do Clero 4

SdC5 = Simpósio do Clero 5

SdC6 = Simpósio do Clero 6

Siglas dos documentos do Magistério

AG = Ad Gentes

CL = Christifideles Laici

CD = Christus Dominus

CIC = Catecismo da Igreja Católica

ES = Ecclesiam Suam

LG = Lumen Gentium

PG = Pastores Gregis

PDV = Pastores Dabo Vobis

PO = Presbyterorum Ordinis

RP = Reconciliatio et Paenitentia

SC = Sacrosanctum Concilium

Outras siglas

Cf. = Conferir

n.º = Número

Introdução

A comunhão presbiteral é um dos temas de grande importância nos nossos dias, tendo sido abordado em congressos, simpósios do clero¹ e em documentos do magistério², como por exemplo no *Directório para o ministério e a vida do presbítero*, e em várias obras³.

Na Exortação apostólica pós-sinodal *Pastores Dabo Vobis*, o Papa João Paulo II, ao citar o n.º 12 do Decreto *Presbyterorum Ordinis*, afirma que os presbíteros devem viver em comunhão plena entre si e com o seu bispo⁴. Saliente-se ainda que devem viver em comunhão com o Papa por intermédio do seu bispo, pois o bispo por si só já deve conservar-se em plena comunhão com o Papa. Contudo, é igualmente necessário o estabelecimento de uma relação com os fiéis da comunidade onde se encontram⁵.

Os simpósios do clero em Portugal aparecem depois da Exortação apostólica *Pastores Dabo Vobis*. Entre os diversos assuntos tratados, tem especial relevância a comunhão presbiteral. Por conseguinte, procuraremos com esta dissertação fazer uma abordagem aprofundada sobre o que neles foi reflectido acerca da vida de comunhão dos presbíteros.

É verdade que a comunhão presbiteral já existe, mas não em todo o lado, nem com as mesmas expressões. Porque se incentiva e estima a comunhão presbiteral apenas em alguns locais? A que se deve a morosidade na sua implantação efectiva? Como concretizá-la nos presbitérios nas circunstâncias actuais?

No primeiro capítulo, iremos abordar a referida temática dentro dos simpósios do clero em

¹ Dada a grande quantidade de simpósios, refiro aqueles que se realizaram em Portugal: “*Padres para este tempo*” (1993), “*O Estilo de Vida do Padre: Problemas e Apelos*” (1996), “*Padres para o Novo Milénio*” (1999), “*A oração na vida e o ministério do Sacerdote*” (2003), “*O Presbitério em Comunhão. Ao serviço da comunhão eclesial*” (2006), “*Reaviva o dom que há em ti*” (2009).

² Os principais documentos do magistério que apresentam referências à comunhão presbiteral são os seguintes: “*Catecismo da Igreja Católica*”, Constituição dogmática “*Lumen gentium*”, Constituição “*Sacrosanctum concilium*”, Decreto “*Ad gentes*”, Decreto “*Christus dominus*”, Decreto “*Presbyterorum ordinis*”, Exortação apostólica pós-sinodal “*Pastores dabo vobis*”, Encíclica “*Ecclesiam Suam*”, Exortação apostólica pós-sinodal “*Reconciliatio et poenitentia*”.

³ As restantes obras serão apresentadas na bibliografia constante no final deste trabalho.

⁴ Cf. *PDV*, 24.

⁵ Cf. *RP*, 31.

Portugal, tendo em conta a sua estrutura, dinâmica, temas aprofundados e a natureza dos conferencistas e dos participantes. Faremos pois uma apresentação dinâmica de cada tema, tendo por objectivo primeiro assinalar a relevância dos principais aspectos sobre a comunhão presbiteral. Assim sendo, atenderemos à sua contextualização, quer relativamente ao tema geral, quer em relação às comunicações e debates produzidos.

No segundo capítulo, trataremos da comunhão presbiteral sob o ponto de vista teológico: Que relação existirá entre o mistério da Santíssima Trindade e a unidade presbiteral? Será possível partir do sacramento da eucaristia como fonte de alimentação da comunhão? Quais são os fundamentos teológicos que presidem à relação no presbitério? Como interpretar a colegialidade sem que esta redunde no "espírito de classe"? Em que medida as relações com os fiéis fortalecem a experiência e a beleza evangélica da comunhão entre presbíteros?

No terceiro e último capítulo desta investigação, delinearemos alguns dos aspectos pastorais atinentes à comunhão presbiteral, nomeadamente, a espiritualidade trinitária, a vida em comum, a partilha de bens, o conselho presbiteral, a excelência do ministério sacerdotal, o padre do futuro, alguns perigos, as necessidades, factores para que isto possa acontecer e se será possível chegar a uma comunidade perfeita. Os aspectos elencados serão abordados na perspectiva da comunhão dos presbíteros como um ideal.

É importante salientar ainda que esta dissertação compõe-se de uma introdução e uma conclusão, ambas mediadas por um desenvolvimento onde procurar-se-á convocar a bibliografia portuguesa. Nos casos em que os documentos não tenham uma versão em língua portuguesa, procurar-se-á traduzir o texto para português e colocar em nota de rodapé o texto original na língua de onde foi feita a recolha para a citação.

Quanto à bibliografia, servir-nos-emos dos simpósios do clero realizados em Portugal, de alguns documentos do magistério, de dicionários e de bibliografia estudada ao longo da investigação que conduziu esta dissertação. Apesar de alguns dos conferencistas dos simpósios

terem trabalhado este tema, após uma análise mais detalhada, optámos por não os inserir aqui, não obstante alguns deles terem sido abordados e até ponderados em alguns aspectos.

1. CAPÍTULO I - SIMPÓSIOS E VIDA COMUNITÁRIA

Neste primeiro capítulo, exporemos brevemente o teor dos simpósios do clero realizados em Portugal. Teremos em conta de modo especial os seis primeiros simpósios. Posteriormente, faremos uma outra exposição, já em linha com o tema em investigação. Nesse âmbito, salientaremos os principais estudos e trabalhos acerca da comunhão presbiteral.

1.1. Contexto

Na origem dos simpósios do clero está um desafio lançado pelo Papa João Paulo II, no n.º 10 da *Pastores Dabo Vobis*: «Como formar sacerdotes que estejam verdadeiramente à altura destes tempos, capazes de evangelizar o mundo de hoje?»⁶.

Os simpósios do clero são a concretização de uma exigência de formação permanente, e, simultaneamente, oportunidades para aprofundar o modo de ser, operar e viver o mistério ordenado «segundo o estilo de Cristo Bom Pastor»⁷. Neles são expostos diversos temas e propostas para os padres do nosso tempo, que, em fraterna co-responsabilidade, procuram reflectir os desafios que se colocam no exercício do seu tríplice múnus, no contexto das circunstâncias pastorais.

Em Portugal, efectuaram-se até à data sete simpósios do clero, contudo abordaremos apenas os seis primeiros, tendo em conta que não nos foi possível aceder às *Actas* do último. Realizados na sua totalidade em Fátima, sob a responsabilidade da Comissão Episcopal do Clero Seminários e Vocações, estes encontros têm ocorrido de três em três anos. A estrutura do programa, que se tem conservado com notória estabilidade, conjuga a reflexão propriamente dita com celebrações litúrgicas e momentos culturais. Após a sua realização, são

⁶ PDV, 10.

⁷ *Ibidem*, 73.

consecutivamente publicadas as *Actas*, que se dirigem aos bispos, presbíteros, diáconos e, sob proposta dos formadores dos seminários, a seminaristas dos últimos anos do curso teológico.

Com efeito, os títulos dos simpósios sintetizam genericamente as temáticas tratadas: 1.º «Padres para este tempo»⁸, 2.º «O estilo de vida do padre, problemas e apelos»⁹, 3.º «Padres para um novo milénio»¹⁰, 4.º «A oração na vida e o ministério do sacerdote»¹¹, 5.º «Presbitério em comunhão ao serviço da comunhão eclesial»¹², 6.º «Reaviva o dom que há em ti»¹³.

Embora não seja explícito na intitulação dos simpósios, o tema da vida comum dos presbíteros aparece em várias conferências, depoimentos e partilhas em mesas-redondas em distintos âmbitos e sob perspectivas complementares. Eis-nos, portanto, perante um *corpus* textual significativo, do qual não podemos senão beneficiar, sem todavia cair na tentação irresponsável do desperdício de detalhes que normalmente asseguram o nível de excelência que caracteriza a produção saída dos simpósios.

1.2. Apresentação dos simpósios e respectivas dinâmicas

Para um melhor enquadramento do tema, passamos de seguida à apresentação dos diferentes simpósios¹⁴. Procederemos à enumeração dos dados estatísticos (quando acessíveis) e elencaremos a sequência dos trabalhos (alocações, comunicações livres, mesas-redondas, testemunhos) apresentados, diacronicamente.

⁸ COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES (ed.), *Padres para este tempo, I Simpósio do Clero de Portugal*, Fátima, 6 a 10 de Setembro de 1993, *Actas*, Porto, 1994.

⁹ IDEM, *Estilo de vida do padre, problemas e apelos, II Simpósio do Clero de Portugal*, Fátima 2 a 6 de Setembro de 1996, *Actas*, Porto, 1996.

¹⁰ IDEM, *Padres para um novo milénio, III Simpósio do Clero de Portugal*, Fátima, 30 de Agosto a 3 de Setembro de 1999, *Actas*, Viana do Castelo, 2000.

¹¹ IDEM, *A oração na vida e o ministério do sacerdote, IV Simpósio do Clero de Portugal*, Fátima, 2 a 6 de Setembro de 2002, *Actas*, Águeda, 2004.

¹² IDEM, *Presbitério em comunhão ao serviço da comunhão eclesial, V Simpósio do Clero de Portugal*, Fátima, 5 a 8 de Setembro de 2006, *Actas*, Prior Velho, 2007.

¹³ IDEM, *Reaviva o dom que há em ti, VI Simpósio do Clero de Portugal*, Fátima 1 a 4 de Setembro de 2009, *Actas*, Prior Velho, 2009.

¹⁴ Daqui em diante, quando fizermos referência a algum dos simpósios, quer no corpo do texto, quer em notas de rodapé, será sempre indicado o simpósio mediante a sigla SdC seguido do numeral ordinal respectivo, por exemplo: simpósio do clero 1 (SdC1).

1.2.1. Primeiro simpósio do clero

O SdC1 realizou-se entre os dias 6 e 10 de Setembro de 2003. Não encontramos dados estatísticos relativos às inscrições, nem qualquer outro tipo de registo do número de participantes.

No dia 6, deu-se a abertura do simpósio com as palavras do presidente da Comissão Episcopal, D. Manuel Moreira Dias. Usou da palavra, seguidamente, o Núncio Apostólico, D. Edoardo Rovida. Só depois se fez a apresentação do simpósio e respectiva dinâmica pela voz de Carlos Moreira Azevedo. Neste mesmo dia, foram abordadas temáticas *do mundo actual*, a saber, a economia, a sociedade portuguesa, a cultura, a política, a psicologia e a religião. António Matos Ferreira, António Sousa Franco, Aires Gameiro e Manuel Rodrigues Linda fizeram parte da mesa-redonda¹⁵.

No dia 7, o tema de fundo foi «a natureza e a missão do presbítero»¹⁶. Para aprofundar a «natureza e missão do sacerdócio ministerial»¹⁷, Bruno Forte partiu da Igreja como ícone da Trindade¹⁸. Seguiram-se as comunicações livres proferidas por José Fiel de Sousa, Alfredo Melo, Leonel Oliveira, José da Silva Lima e José Barros de Oliveira, os quais falaram respectivamente da preparação do simpósio na diocese do Funchal¹⁹, das vocações sacerdotais²⁰, da preocupação do presbítero em ser apenas aquilo que é²¹, da relação entre a religiosidade popular e a pedagogia sacerdotal²² e da questão do equilíbrio dos padres como

¹⁵ Temas desta mesa redonda: A. FERREIRA, «Este tempo e a cultura: que desafios?», in *SdC1*, 27-31; A. FRANCO, «Desafios do tempo actual na ordem política e na ordem económica», in *SdC1*, 32-39; A. GAMEIRO, «Desafios psicológicos para o padre, hoje», in *SdC1*, 40-46; M. LINDA, «Sacerdócio católico e fenómeno religioso actual», in *SdC1*, 47-51.

¹⁶ AA. VV., «O mundo actual», in *Ibidem*, 53-113.

¹⁷ B. FORTE, «Natureza e missão do sacerdócio ministerial», in *Ibidem*, 67-77.

¹⁸ Cf. IDEM, «O horizonte eclesialístico global: a Igreja, ícone da Trindade», in *Ibidem*, 55-65.

¹⁹ Cf. J. SOUSA, «Caminhada de preparação do Simpósio da diocese do Funchal», in *Ibidem*, 79-81.

²⁰ Cf. A. MELO, «As vocações sacerdotais: papel dos movimentos e associações», in *Ibidem*, 82-86.

²¹ Cf. L. OLIVEIRA, «Duma só coisa eu quis saber», in *Ibidem*, 87-89.

²² Cf. J. LIMA, «Religiosidade popular e pedagogia sacerdotal», in *Ibidem*, 90-94.

peessoas²³. Tomaram lugar na mesa-redonda Jorge Wemans com «a figura do padre vista pela opinião pública»²⁴, Roberto Carneiro com a «visão laical do padre perante os desafios do nosso tempo»²⁵ e Alberto Ramalheira e esposa com «a figura do padre vista por uma família»²⁶.

O dia 8 foi consagrado à vida espiritual do padre. Depois de Bruno Forte abrir a reflexão sobre «a identidade espiritual do presbítero»²⁷, sucederam-se várias comunicações. Miguel Falcão aprofundou «a vida espiritual do sacerdote no exercício do seu ministério»²⁸, Cipriano Pacheco apresentou a espiritualidade do padre diocesano, a partir da perspectiva dos Padres do Prado²⁹, Geraldo de Fátima Morujão expôs um «testemunho de vida sacerdotal»³⁰, Manuel Moreira Gaspar explorou outra perspectiva, a do «padre no meio do trabalho»³¹, Fernando Silva referiu o valor das «associações de clérigos e da vida espiritual do sacerdote»³² e Joaquim Moisés Quinteiro salientou a importância da «direcção espiritual na formação permanente do presbítero»³³. No painel subordinado ao tema «Ser padre hoje: novos meios e experiências inovadoras em meios antigos»³⁴, falaram Júlio Cardoso de Melo, acerca da «experiência de um pároco»³⁵; Fernando Milheiro, sobre a «experiência nos meios de comunicação social»³⁶; e Elias Salgueiro, a propósito dos «meios marginais»³⁷.

A formação permanente foi a temática abordada no dia 9. Iniciou a reflexão Alfonso Crespo Hidalgo com uma comunicação sobre as «motivações, importância e exigências»³⁸.

²³ Cf. J. OLIVEIRA, «Padres: pessoas equilibradas ou neuróticas?», in *Ibidem*, 95-99.

²⁴ J. WEMANS, «A figura do padre vista pela opinião pública», in *Ibidem*, 101-104.

²⁵ R. CARNEIRO, «Visão laical do padre perante os desafios do nosso tempo», in *Ibidem*, 105-108.

²⁶ A. RAMALHEIRA e esposa, «A figura do padre vista por uma família», in *Ibidem*, 109-113.

²⁷ Cf. B. FORTE, «A identidade espiritual do presbítero», in *Ibidem*, 117-128.

²⁸ M. FALCÃO, «A vida espiritual do sacerdote no exercício do seu ministério», in *Ibidem*, 129-136.

²⁹ Cf. C. PACHECO, «A espiritualidade do padre diocesano: uma perspectiva dos "Padres do Prado"», in *Ibidem*, 137-142.

³⁰ G. MORUJÃO, «Um testemunho de vida sacerdotal», in *Ibidem*, 143-145.

³¹ M. GASPAR, «Um padre no meio do trabalho», in *Ibidem*, 146-149.

³² F. SILVA, «As associações de clérigos e a vida espiritual do sacerdote», in *Ibidem*, 150-165.

³³ J. QUINTEIRO, «A direcção espiritual na formação permanente do presbítero», in *Ibidem*, 166-170.

³⁴ AA. VV., «Ser padre hoje: novos meios e experiências inovadoras em meios antigos», in *Ibidem*, 171-185.

³⁵ J. MELO, «Experiência de um pároco», in *Ibidem*, 171-174.

³⁶ F. MILHEIRO, «Experiência nos meios de comunicação social», in *Ibidem*, 175-183.

³⁷ E. SALGUEIRO «Meios marginais», in *Ibidem*, 184-185.

³⁸ A. HIDALGO «Formação permanente do sacerdote: motivações, importância e exigências», in *Ibidem*, 189-254.

«As dimensões da formação permanente: humana, intelectual, espiritual, pastoral. Experiências e reflexão»³⁹, tema da mesa-redonda, foi abordado segundo a especificidade de cada uma das suas dimensões. Assim sendo, D. José da Cruz Policarpo começou por abordar a dimensão humana, José António Godinho de Lima a intelectual, Dário Pedroso a espiritual e José Carlos de Sousa a pastoral. No tocante às comunicações, estas exploraram temas de particular importância, como o influxo do «"Catecismo da Igreja Católica" na vida e no ministério do padre»⁴⁰, o padre enquanto catequista de Horácio Noronha⁴¹ e a formação permanente do clero de Alberto Lopes Gil⁴². Houve ainda tempo para escutar o testemunho de Idalino Simões sobre o seu ano sabático⁴³, e José Correia Vilar e António Bacelar acerca do contributo do movimento dos Focolares para a formação permanente⁴⁴.

Em seguida, D. Jorge Ortiga e Alberto Teixeira de Brito apresentaram alguns meios e formas de formação permanente⁴⁵. Por último, foram tecidas as «considerações e propostas finais do simpósio»⁴⁶ e deixada uma «mensagem ao povo de Deus»⁴⁷.

O programa do SdC1 contou ainda com celebrações litúrgicas e momentos culturais.

Em 1994 foram publicadas as respectivas *Actas*⁴⁸.

1.2.2. Segundo simpósio do clero

O SdC2 efectuou-se de 2 a 6 de Setembro de 1996. Quanto aos dados estatísticos,

³⁹ AA. VV., «As dimensões da formação permanente: humana, intelectual, espiritual, pastoral. Experiências e reflexão», in *Ibidem*, 255-267. (J. POLICARPO, «A dimensão humana», 255-257, J. LIMA, «A formação intelectual», 258-260, D. PEDROSO, «Caminhar no espírito (dimensão espiritual da formação permanente)», 261-264, J. SOUSA, «Formação permanente: dimensão pastoral», 265-267.)

⁴⁰ H. CRISTINO, «O "Catecismo da Igreja Católica" na vida e no ministério do padre», in *Ibidem*, 269-274.

⁴¹ Cf. H. NORONHA, «O padre catequista», in *Ibidem*, 275-277.

⁴² Cf. A. GIL, «A formação permanente do clero», in *Ibidem*, 278-281.

⁴³ Cf. I. SIMÕES, «Ano sabático: testemunho de uma experiência», in *Ibidem*, 282-285.

⁴⁴ Cf. J. VILAR - A. BACELAR, «A formação permanente: um contributo dos movimentos Focolares», in *Ibidem*, 286-292.

⁴⁵ Cf. J. ORTIGA - A. BRITO, «Formação permanente: meios e formas», in *Ibidem*, 293-321.

⁴⁶ «Considerações e propostas finais do simpósio», in *Ibidem*, 323-325.

⁴⁷ «Mensagem ao povo de Deus», in *Ibidem*, 327-328.

⁴⁸ Cf. Nota 8.

verificámos que o número de participantes atingiu os 473, a saber: 4 bispos, 411 padres, 14 diáconos, 38 seminaristas e 6 leigos.

A 2 de Setembro de 1996 deu-se início ao segundo simpósio do clero em Portugal, com as palavras do Presidente da Comissão Episcopal⁴⁹. Seguidamente, D. João Alves proferiu a «alocução de abertura»⁵⁰ e Carlos Moreira Azevedo fez a «apresentação do simpósio e da sua dinâmica»⁵¹. O tema deste dia centrou-se nas tensões do mundo⁵². Daí a atenção aos «estilos de vida do padre ao ritmo das mudanças culturais»⁵³ nas circunstâncias históricas contemporâneas, assinaladas por tantas tensões⁵⁴.

O dia 3 teve como temática de fundo «a prática espiritual»⁵⁵. Nesse mesmo dia, Saturnino Gamarra falou dos «problemas da vida espiritual do presbítero»⁵⁶. Após a sua exposição, seguiu-se uma mesa-redonda subordinada ao tema: «Inquietações existenciais na pluralidade de estilos de vida»⁵⁷. Nela intervieram Constantino Alves, acerca das «inquietações de um padre no mundo operário»⁵⁸; Rui Osório, do «ser padre na comunicação social»⁵⁹; José Francisco Alves, das «inquietações existenciais no interior da Cúria Diocesana»⁶⁰, e ainda Peter Stilwell, das «interrogações suscitadas pela sua experiência pastoral e a sua experiência de vida de padre»⁶¹. Houve também comunicações livres, nomeadamente a de Jorge Faria Guarda, a propósito do chamamento para chamar, da vida do padre e das vocações⁶²; a de José

⁴⁹ Cf. A. SILVA, «Palavras de abertura do presidente da comissão episcopal», in *SdC2*, 6.

⁵⁰ J. ALVES, «Alocução de abertura», in *Ibidem*, 7-13.

⁵¹ C. AZEVEDO, «Apresentação do simpósio e sua dinâmica», in *Ibidem*, 15-16.

⁵² Cf. AA. VV., «As tensões do mundo», in *Ibidem*, 17-55.

⁵³ C. AZEVEDO, «Os estilos de vida do padre ao ritmo das mudanças culturais: dimensão histórica», in *Ibidem*, 19-38.

⁵⁴ Cf. S. GAMARRA, «El presbítero en las tensiones del mundo contemporaneo», in *Ibidem*, 39-55.

⁵⁵ AA. VV., «A prática espiritual», in *Ibidem*, 57-158.

⁵⁶ S. GAMARRA, «Los problemas de la vida espiritual del presbítero», in *Ibidem*, 59-76.

⁵⁷ AA. VV., «Inquietações existenciais na pluralidade de estilos de vida», in *Ibidem*, 77-93.

⁵⁸ C. ALVES, «Inquietações de um padre no mundo operário», in *Ibidem*, 77-82.

⁵⁹ R. OSÓRIO, «Ser padre na comunicação social», in *Ibidem*, 82-84.

⁶⁰ J. ALVES, «Inquietações existenciais no interior da Cúria Diocesana», in *Ibidem*, 84-88.

⁶¹ P. STILWELL, «Interrogações suscitadas pela minha experiência pastoral e a minha experiência de vida de padre», in *Ibidem*, 89-93.

⁶² Cf. J. GUARDA, «Chamados para chamar: a vida do padre e as vocações», in *Ibidem*, 95-100.

Barros de Oliveira, da psicologia do padre e do equilíbrio em Jesus Cristo⁶³ e a de Manuel Fernando Silva, da «santidade de vida e ministério sacerdotal»⁶⁴. Terminadas as comunicações, Georgino Rocha apontou algumas «implicações práticas da espiritualidade diocesana»⁶⁵ e João Peixoto pronunciou-se sobre a celebração da eucaristia no contexto da «multiplicidade de tarefas»⁶⁶.

No dia 4, a reflexão voltou-se para as «atitudes evangélicas»⁶⁷. Saturnino Gamarra aprofundou as «perspectivas evangélicas para a vivência feliz do celibato»⁶⁸. De seguida, Leonel Oliveira deteve-se no tema da obediência na vida pastoral⁶⁹. Nas comunicações livres, usaram da palavra Francisco Valadão Vaz, sobre a «vida fraterna e missão»⁷⁰; Georgino Rocha, sobre «o padre diocesano e a missão *Ad Gentes*»⁷¹; e Hugo de Azevedo, sobre a «formação dos presbíteros na justiça»⁷². Na mesa-redonda deste dia, sobre «a relação dos cristãos com os bens»⁷³, Aura Miguel abordou a «visão da comunicação social sobre a Igreja e os bens»⁷⁴, enquanto José Maria Azevedo se deteve acerca da «complexidade da relação dos cristãos com os bens»⁷⁵, por fim Maria Isabel Pereira Varanda na soberana liberdade dos cristãos no uso dos mesmos⁷⁶.

Na sequência desta reflexão, no dia 5, explorou-se o tema da «partilha de bens e de vida»⁷⁷. E, por isso, não podia deixar de se debater o sistema de sustentação do clero e da respectiva incidência na vida espiritual⁷⁸. Numa linha testemunhal, Lúcio Alves Nunes

⁶³ Cf. J. OLIVEIRA, «Psicologia (tipologia) do padre e equilíbrio em Jesus Cristo», in *Ibidem*, 101-108.

⁶⁴ M. SILVA, «Santidade de vida e ministério sacerdotal», in *Ibidem*, 109-132.

⁶⁵ G. ROCHA, «Implicações práticas da espiritualidade diocesana», in *Ibidem*, 133-150.

⁶⁶ J. PEIXOTO, «Celebrar a eucaristia na multiplicidade de tarefas», in *Ibidem*, 151-158.

⁶⁷ AA. VV., «As atitudes evangélicas», in *Ibidem*, 159-213.

⁶⁸ S. GAMARRA, «Perspectivas evangélicas para vivencia feliz del celibato», in *Ibidem*, 161-176.

⁶⁹ Cf. L. OLIVEIRA, «A atitude obediente na vida pastoral», in *Ibidem*, 177-183.

⁷⁰ F. VAZ, «Vida fraterna e missão», in *Ibidem*, 185-187.

⁷¹ G. ROCHA, «O padre diocesano e a missão “Ad Gentes”», in *Ibidem*, 188-192.

⁷² H. AZEVEDO, «A formação dos presbíteros na justiça», in *Ibidem*, 193-198.

⁷³ AA. VV., «A relação dos cristãos com os bens», in *Ibidem*, 199-213.

⁷⁴ A. MIGUEL, «Visão da comunicação social sobre a Igreja e os bens», in *Ibidem*, 199-203.

⁷⁵ J. AZEVEDO, «Complexidade da relação dos cristãos com os bens», in *Ibidem*, 203-208.

⁷⁶ Cf. M. VARANDA, «Os cristãos e os bens: soberana liberdade», in *Ibidem*, 208-213.

⁷⁷ AA. VV., «Partilha de bens e de vida», in *Ibidem*, 215-291.

⁷⁸ Cf. AA. VV., «Sistema de sustentação do clero e incidência na vida espiritual», in *Ibidem*, 217-226.

apresentou uma experiência vivida na diocese de Portalegre-Castelo Branco⁷⁹ e, de seguida, Manuel Felício expôs as motivações do Estatuto do Clero da diocese de Viseu⁸⁰. Na perspectiva de acolher os desafios deixados, António Francisco dos Santos interpelou os participantes no sentido da educação para a partilha, concretizada na experiência das Fraternidades⁸¹. Na mesa-redonda que se seguiu, cujo foco foi as «formas de vida em comum: caracterização, valores e limites»⁸², foram narradas várias experiências: a de Idalino Simões, numa equipa em Coimbra⁸³; a de Manuel Mourão, na comunidade sacerdotal de Sarnadelo, em Cever⁸⁴; a de José Martins de Almeida, numa experiência na diocese da Guarda⁸⁵; e a de Joaquim Batalha, acerca da sua vida em equipa sacerdotal⁸⁶. Nas comunicações livres, Luís Arranz pronunciou-se sobre «a distribuição do clero»⁸⁷; Manuel Pinheiro, sobre a «comunhão de vida e de bens: "para que o mundo acredite"»⁸⁸, e Manuel Crespo, sobre a «comunicação colectiva de padres em pastoral operária na diocese do Porto»⁸⁹. Após estas comunicações, Carlos Paes debruçou-se sobre a unidade e a qualidade de vida na experiência pastoral⁹⁰, e Joaquim Vilar, acerca do conselho presbiteral como espaço de co-responsabilidade e de comunhão colegial⁹¹.

No final, foram apresentadas as propostas do simpósio⁹² e deixada, tal como no primeiro simpósio, uma mensagem ao Povo de Deus⁹³.

⁷⁹ Cf. L. A. NUNES, «Testemunho da diocese de Portalegre-Castelo Branco», in *Ibidem*, 217-222

⁸⁰ Cf. M. FELÍCIO, «Motivações do “Estatuto do Clero” da diocese de Viseu», in *Ibidem*, 223-226.

⁸¹ Cf. A. SANTOS, «Educação para a partilha. Fraternidades», in *Ibidem*, 227-236.

⁸² AA. VV., «Formas de vida em comum: caracterização, valores e limites», in *Ibidem*, 237-248.

⁸³ Cf. I. SIMÕES, «Experiência de vida em equipa - Coimbra», in *Ibidem*, 237-240.

⁸⁴ Cf. M. MOURÃO, «Comunidade sacerdotal da Sarnadelo - Cever», in *Ibidem*, 241-244.

⁸⁵ Cf. J. ALMEIDA, «Uma experiência na diocese da Guarda», in *Ibidem*, 244.

⁸⁶ Cf. J. BATALHA, «Uma experiência de vida em equipa sacerdotal», in *Ibidem*, 245-248.

⁸⁷ L. ARRANZ, «A distribuição do clero», in *Ibidem*, 249-251

⁸⁸ M. PINHEIRO, «Comunhão de vida e de bens: “para que o mundo acredite”», in *Ibidem*, 252-256.

⁸⁹ M. CRESPO, «Comunicação colectiva de padres em pastoral operária na diocese do Porto», in *Ibidem*, 257-258.

⁹⁰ Cf. C. PAES, «Unidade e qualidade de vida na experiência pastoral», in *Ibidem*, 259-265.

⁹¹ Cf. J. VILAR, «Conselho presbiteral: espaço de co-responsabilidade e de comunhão colegial», in *Ibidem*, 267-291.

⁹² Cf. «Considerações e propostas finais do simpósio», in *Ibidem*, 293-296.

⁹³ Cf. «Mensagem ao povo de Deus», in *Ibidem*, 297-298.

Em 1996 publicaram-se as *Actas*⁹⁴ respectivas.

1.2.3. Terceiro simpósio do clero

O SdC3 decorreu entre os dias 30 de Agosto e 3 de Setembro de 1999. Quanto aos dados estatísticos, não há números exactos. Sabe-se, contudo, que houve uma diminuição do número de presenças relativamente ao simpósio anterior.

D. Jorge Ortega, membro da Comissão Episcopal, proferiu as palavras de abertura deste terceiro simpósio⁹⁵, desta feita dedicado ao tema: «Padres para o novo milénio». A secretaria-geral do simpósio introduziu ainda uma análise preliminar⁹⁶. Para melhor sequência dos trabalhos, José da Silva Lima apresentou a dinâmica a implementar nestes dias⁹⁷. Terminada a apresentação, proferiu uma breve alocução⁹⁸ D. Edoardo Rovida, Nuncio Apostólico. Após as formalidades habituais, Jesús Castellano apresentou uma comunicação sobre o padre enquanto homem pneumático e carismático⁹⁹.

«Celebrar um tempo novo» foi a temática do dia seguinte. De manhã, usaram da palavra Manuel Ferreira Patrício, sobre a «memória de um findar de milénio»¹⁰⁰ e Jesús Castellano, sobre os que servem por amor na pessoa de Jesus Cristo¹⁰¹. Durante a tarde, decorreu uma mesa-redonda subordinada ao tema «Viver no novo milénio. Desafios e propostas». Participaram nesta mesa Maria Helena Rebelo Pinto, Anselmo Borges, Maria do Rosário Reis Pimenta, José Lopes Subtil. À noite, os participantes do simpósio assistiram ao concerto do grupo *Kyrios*.

⁹⁴ Cf. Nota 9.

⁹⁵ Cf. J. ORTIGA, «Pórtico», in *SdC3*, 7-9.

⁹⁶ Cf. SECRETARIA-GERAL DO SIMPÓSIO, «Preparação», in *Ibidem*, 13-17.

⁹⁷ Cf. J. LIMA, «Apresentação», in *Ibidem*, 23-25.

⁹⁸ Cf. E. ROVIDA, «Alocução de abertura», in *Ibidem*, 27-28.

⁹⁹ Cf. J. CASTELLANO, «El sacerdote, hombre “pneumático”, hombre carismático», in *Ibidem*, 29-47.

¹⁰⁰ M. PATRÍCIO, «Memória de um findar de milénio», in *Ibidem*, 49-61.

¹⁰¹ Cf. J. CASTELLANO, «Na pessoa de Jesus Cristo, servos por amor», in *Ibidem*, 63-83.

No dia 1 de Setembro, Jesús Castellano falou do sacerdote como homem trinitário¹⁰² e Dionísio Boróbio, do perdão como um ministério¹⁰³. Na mesa-redonda sobre imagens e caricaturas do padre nos *Média* e nas *Letras*, foram palestrantes Francisco Perestrello, Vitalina Matos, José Maria Lopes de Araújo e António Rego. O dia encerrou com o filme «O Padre», apresentado por António Rego.

Na jornada seguinte, Jesús Castellano dedicou-se à dimensão eucarística do padre¹⁰⁴ e Dionísio Boróbio, à relação entre o ministério e os novos ministérios¹⁰⁵. O mesmo tema foi apresentado na mesa-redonda através da comunicação «Exame de consciência. Figuras e projectos». Os intervenientes nesta mesa foram Maria de Belém Roseira, Roberto Carneiro, João Lobo Antunes, Manuel Lopes e Jorge Jardim Gonçalves. A moderação coube a Vítor Feytor Pinto.

À noite actuou o *Chorus Leviticus*.

No último dia, foram apresentadas as propostas do simpósio e, por fim, celebrada a eucaristia.

As *Actas*¹⁰⁶ foram publicadas a 8 de Dezembro de 2000.

1.2.4. Quarto simpósio do clero

O SdC4 teve lugar de 2 a 6 de Setembro de 2002. Não há referências precisas quanto ao número de participantes, mas estima-se que estiveram presentes cerca de 400 padres. Tendo em conta que não nos foi possível encontrar o respectivo programa¹⁰⁷, passamos a apresentar este simpósio por conferencistas.

¹⁰² Cf. J. CASTELLANO, «Sacerdote, homem trinitário», in *Ibidem*, 119-139.

¹⁰³ Cf. D. BORÓBIO, «Do perdão ao perdão, um ministério», in *Ibidem*, 141-163.

¹⁰⁴ Cf. J. CASTELLANO, «O padre, homem eucarístico: liturgia e vida», in *Ibidem*, 181-200.

¹⁰⁵ Cf. D. BORÓBIO, «Ministério e novos ministérios», in *Ibidem*, 201-219.

¹⁰⁶ Cf. Nota 10.

¹⁰⁷ Depois de termos recorrido às instâncias que nos poderiam facultar o programa, fomos informados, no dia 25 de Fevereiro de 2011, de que aquelas não o tinham.

«A oração na vida e o ministério do sacerdote» foi o tema central do simpósio, cuja introdução esteve a cargo de D. Jorge Ortiga¹⁰⁸. Já Carlos Azevedo abordou a «crise da oração no mundo secularizado»¹⁰⁹, Pere Montagut Piquet, numa linguagem evocativa, convocou os participantes para um cântico novo como meio de oração desde a Páscoa¹¹⁰, abordou a questão da descida da montanha ao combate (da transfiguração ao Calvário) como uma intimidade imolada¹¹¹ e do padre como sentinela do povo dentro dos segredos do mesmo¹¹². Por fim, este participante agradeceu a João XXIII, Paulo VI e João Paulo II¹¹³. Por seu lado, Jaume González Padrós aprofundou a novidade de vida a partir da ordenação¹¹⁴, proferiu uma comunicação sobre o *homem litúrgico* como *homem lúdico* que joga diante de Deus¹¹⁵ e no fim abordou o Domingo como referência do sacerdote, questionando a possibilidade de uma experiência de liberdade¹¹⁶.

Armando dos Santos Vaz preferiu voltar ao caminho dos discípulos de Emaús¹¹⁷ e António Couto explorou a riqueza vital da oração a partir dos salmos e do sabor da Liturgia das Horas¹¹⁸; José Mahon pronunciou-se sobre a oração e o compromisso apostólico¹¹⁹ e Maria Domingos tratou do silêncio orante e fecundo¹²⁰; finalmente, Virgílio do Nascimento Antunes falou do seminário como escola de oração¹²¹.

O simpósio terminou com o discurso de encerramento do presidente da conferência

¹⁰⁸ Cf. J. ORTIGA, «Introdução», in *SdC4*, 5-6.

¹⁰⁹ C. AZEVEDO, «Crise da oração no mundo secularizado», in *Ibidem*, 7-23.

¹¹⁰ Cf. P. PIQUET, «Orar desde la Pascua: un cantico nuevo», in *Ibidem*, 25-43.

¹¹¹ Cf. IDEM, «Del monte al combate: una intimidad inmolada», in *Ibidem*, 133-151.

¹¹² Cf. IDEM, «Ser centinela del pueblo: en el secreto del padre», in *Ibidem*, 183-202.

¹¹³ Cf. IDEM, «Una mirada agradecida a Juan XXIII, Pablo VI y Juan Pablo II», in *Ibidem*, 243-263.

¹¹⁴ Cf. J. PADRÓS, «La ordenación: una novedad de vida», in *Ibidem*, 45-65.

¹¹⁵ Cf. IDEM, «Homo Liturgicus - Homo Ludens», in *Ibidem*, 119-131.

¹¹⁶ Cf. IDEM, «El domingo del sacerdote», in *Ibidem*, 203-215.

¹¹⁷ Cf. A. VAZ, «No caminho dos discípulos de Emaús», in *Ibidem*, 67-118.

¹¹⁸ Cf. A. COUTO, «A riqueza vital da oração a partir dos salmos: o sabor da Liturgia das Horas», in *Ibidem*, 153-172.

¹¹⁹ Cf. J. MAHON, «Oração e compromisso apostólico», in *Ibidem*, 173-182.

¹²⁰ Cf. M. DOMINGOS, «Elogio do silêncio orante e fecundo», in *Ibidem*, 217-226.

¹²¹ Cf. V. ANTUNES, «O seminário, escola de oração», in *Ibidem*, 227-242.

episcopal portuguesa¹²².

As respectivas *Actas*¹²³ foram publicadas em Dezembro de 2004.

1.2.5. Quinto simpósio do clero

Entre os dias 5 e 8 de Setembro de 2006 decorreu, em Fátima, o SdC5. Desta vez, os inscritos foram cerca de 410, entre eles, 29 bispos, 367 padres e 14 leigos.

«Presbitério em comunhão ao serviço da comunhão eclesial» foi o tema central desta quinta edição. No primeiro dia, coube a D. António Francisco dos Santos a graça de abrir o «Pórtico»¹²⁴. Por sua vez, D. Jorge Ferreira da Costa Ortiga lançou as bases da reflexão do encontro a partir da natureza comunitária do presbitério¹²⁵. Na sequência desta abertura, D. Alfio Rapisarda¹²⁶ e D. António Francisco dos Santos¹²⁷ concretizaram alguns dos desafios da comunhão eclesial que se colocam ao ministério dos presbíteros enquanto peregrinos dos caminhos do Senhor. Atento aos sinais dos tempos e à sua leitura a partir da fé, D. Rino Fisichella aprofundou o contexto de profunda mudança cultural onde se movem actualmente os presbíteros¹²⁸. Neste dia, houve ainda lugar para um interessante painel, o primeiro de três, cujo objectivo foi escrutinar os desafios da cultura contemporânea que se colocam ao sacerdote e à Igreja¹²⁹. Desta delicada tarefa foram incumbidos Manuela Silva, José Manuel Barroso, Nuno Brás e Hermínio Rico.

Na jornada seguinte, João Duque apresentou os fundamentos trinitários da comunhão

¹²² Cf. J. POLICARPO, «Discurso do presidente da conferência Episcopal Portuguesa no encerramento das Jornadas do Clero 2002», in *Ibidem*, 265-269.

¹²³ Cf. Nota 11.

¹²⁴ A. SANTOS, «Pórtico», in *SdC5*, 5-6.

¹²⁵ Cf. J. ORTIGA, «Presbitério em comunhão», in *Ibidem*, 7-11.

¹²⁶ Cf. A. RAPISARDA, «Ao serviço da comunhão eclesial», in *Ibidem*, 13-14.

¹²⁷ Cf. A. SANTOS, «Os caminhos do Senhor são caminhos de comunhão», in *Ibidem*, 15-22.

¹²⁸ Cf. R. FISICHELLA, «O sacerdote no coração de uma profunda mudança cultural I», in *Ibidem*, 23-37; IDEM, «O sacerdote no coração de uma profunda mudança cultural II», in *Ibidem*, 39-48.

¹²⁹ Cf. AA. VV., «Desafios da cultura contemporânea ao sacerdote e à Igreja», in *Ibidem*, 115-136 (M. SILVA, 115-121, J. BARROSO, 122-125, N. BRÁS, 126-130, H. RICO, 131-136).

eclesial¹³⁰ e Enzo Bianchi, prior da comunidade de Bose, trabalhou o tema do «presbitério como comunhão»¹³¹. No painel sobre «a participação e a co-responsabilidade»¹³², enquanto formas de enriquecimento da comunhão, continuaram a abrir horizontes Mário Rui Leite Oliveira, Maria de Lurdes Figueiral, Alfredo Teixeira e António Janela.

No dia seguinte, beneficiando da gratificante presença de Enzo Bianchi, acolhemos a sua reflexão sobre a tri-unidade de Deus e a sua relação com a comunhão eclesial¹³³. Cativados pelo seu estilo inconfundível, escutámos ainda a sua voz profética sobre o futuro do cristianismo¹³⁴. Quanto aos «caminhos de comunhão eclesial»¹³⁵, tema do terceiro painel, encarregaram-se de os delinear e desenvolver, D. Manuel Clemente, António Borges, José Camões e António Martins.

No último dia, D. Manuel Moreira Dias, em virtude da sua larga experiência de pastor, apresentou-nos o ministério do presbítero como ícone da doação ao Povo de Deus¹³⁶. Na homilia da missa deste dia, D. Jorge Ortiga explorou a dimensão eucarística da comunhão¹³⁷. Finalmente, José Carlos Carvalho salientou as principais ideias das actividades do simpósio¹³⁸ e, lido o «comunicado final»¹³⁹, encerrou-se o SdC5.

As respectivas *Actas*¹⁴⁰ foram editadas em Dezembro de 2007.

¹³⁰ Cf. J. DUQUE, «Trindade e comunhão eclesial», in *Ibidem*, 49-65.

¹³¹ E. BIANCHI, «O presbitério como comunhão», in *Ibidem*, 67-78.

¹³² AA. VV., «A participação e a co-responsabilidade», in *Ibidem*, 137-168 (M. OLIVEIRA, 137-141, M. FIGUEIRAL, 142-148, A. TEIXEIRA, 149-157, A. JANELA, 158-168).

¹³³ Cf. E. BIANCHI, «Tri-unidade de Deus e comunhão eclesial», in *Ibidem*, 79-91.

¹³⁴ Cf. IDEM, «Que futuro para o cristianismo?», in *Ibidem*, 93-102.

¹³⁵ AA. VV., «Caminhos de comunhão eclesial», in *Ibidem*, 169-200 (M. CLEMENTE, 169-174, A. BORGES, 175-183, J. CAMÕES, 184-190, A. MARTINS, 191-200).

¹³⁶ Cf. M. DIAS, «O presbítero - um homem dado ao Povo de Deus», in *Ibidem*, 103-113.

¹³⁷ Cf. J. ORTIGA, «Eucaristia para a comunhão», in *Ibidem*, 201-204.

¹³⁸ Cf. J. CARVALHO, «Memória do percurso», in *Ibidem*, 205-214.

¹³⁹ «Comunicado final», in *Ibidem*, 215-219.

¹⁴⁰ Cf. Nota 12.

1.2.6. Sexto simpósio do clero

Com mais de 800 participantes, o SdC6 decorreu de 1 a 4 de Setembro de 2009, em Fátima.

Tendo em conta as novas necessidades dos presbitérios e a ocorrência do encontro dentro do ano sacerdotal, foi escolhido para tema deste simpósio «Reaviva o dom que há em ti», a exortação paulina a Timóteo que permanece viva para os actuais presbíteros. Aberto o «Pórtico»¹⁴¹ por D. António Francisco dos Santos, na qualidade de presidente da Comissão Episcopal Vocações e Ministérios, Jorge Madureira pronunciou-se sobre os «caminhos de renovação para o sacerdócio ministerial»¹⁴² e D. António Francisco dos Santos insistiu na alegria e na esperança que brotam do ministério sacerdotal¹⁴³. A necessidade de reavivar o dom¹⁴⁴ foi uma das principais interpelações deixadas por D. Jorge Ferreira da Costa Ortiga. A concluir esta jornada, Anselm Grün aprofundou três temáticas intrinsecamente relacionadas, a partir da sua reconhecida experiência no contexto alemão: a sedução do presbítero enquanto homem de Deus¹⁴⁵, a força do homem na debilidade¹⁴⁶ e os desafios do acompanhamento dos presbíteros¹⁴⁷.

Luís Rocha e Melo apresentou, no início do segundo dia, a espiritualidade subjacente à citação bíblica 1Tm 4, 14: «Não descures o dom espiritual que está em ti». E, como é próprio de um grande director espiritual, falou dos «caminhos do silêncio e da oração»¹⁴⁸. D. José Policarpo, desde uma perspectiva mais antropológica, insistiu na necessidade de os padres crescerem como pessoas para servirem como pastores¹⁴⁹. No painel da tarde, Carlos Zorrinho,

¹⁴¹ A. SANTOS, «Pórtico», in *SdC6*, 5-7.

¹⁴² J. MADUREIRA, «Caminhos de renovação do Sacerdócio Ministerial», in *Ibidem*, 9-14.

¹⁴³ Cf. A. SANTOS, «O ministério sacerdotal é fonte de alegria e de esperança», in *Ibidem*, 15-25.

¹⁴⁴ Cf. J. ORTIGA, «Tarefa permanente: reavivar o dom», in *Ibidem*, 27-32.

¹⁴⁵ Cf. A. GRÜN, «O presbítero: homem de Deus seduzido», in *Ibidem*, 33-45.

¹⁴⁶ Cf. IDEM, «O homem: força na debilidade», in *Ibidem*, 47-58.

¹⁴⁷ Cf. IDEM, «Desafios do acompanhamento», in *Ibidem*, 59-70.

¹⁴⁸ L. MELO, «Os caminhos do silêncio e da oração», in *Ibidem*, 71-88.

¹⁴⁹ Cf. J. POLICARPO, «Crescer como pessoas para servir como pastores», in *Ibidem*, 89-108.

Graça Franco e José Rui Teixeira abordaram a temática «Padres para um tempo novo»¹⁵⁰.

No dia 3, Amadeo Cencini, profícuo escritor nas áreas vocacionais e de formação presbiteral, apresentou a formação permanente como um desafio e uma graça¹⁵¹. E, para evitar certos equívocos quanto aos modelos adoptados na formação, os participantes foram ainda alertados para a necessidade de passar do “modelo de perfeição” ao “modelo de integração”¹⁵².

Na qualidade de Prefeito da Congregação para o Clero, o Cardeal Cláudio Hummes proferiu uma conferência a partir da expressão «Renova nos seus corações o espírito de santidade», presente no *Pontifical Romano* de ordenação dos presbíteros¹⁵³. Por fim, foram apresentadas as principais conclusões do simpósio¹⁵⁴ e feito um breve comunicado de imprensa¹⁵⁵.

As respectivas *Actas*¹⁵⁶ foram publicadas em Outubro de 2009.

1.3. A vida em comum em cada simpósio

O tema da *vida em comum* dos presbíteros, objecto do nosso estudo, não foi tratado por todos os intervenientes nos simpósios, pelo que é importante saber quem o fez e em que medida. Assim, após a apresentação do contexto alargado, iremos proceder, neste momento, à delimitação do contexto próximo da reflexão sobre o tema da vida comum. A nossa atenção concentrar-se-á primeiramente na designação dos estudiosos que desenvolveram este tema e na apresentação das circunstâncias em que o fizeram, e, posteriormente, de forma sintética, nas suas principais ideias. Deveremos acrescentar que para que as referências aos simpósios sejam inequívocas, os títulos seguem a ordem cronológica e temática dos encontros.

¹⁵⁰ AA. VV., Painel «Padres para um tempo novo», in *Ibidem*, 109-128 (C. ZORRINHO, 109-117, G. FRANCO, 118-123, J. TEIXEIRA, 124-128).

¹⁵¹ Cf. A. CENCINI, «Formação permanente: desafio e graça», in *Ibidem*, 129-143.

¹⁵² Cf. IDEM, «Do modelo de perfeição ao modelo de integração», in *Ibidem*, 145-169.

¹⁵³ Cf. C. HUMMES, «Renova nos seus corações o espírito de santidade», in *Ibidem*, 171-188.

¹⁵⁴ Cf. «Conclusões», in *Ibidem*, 189-192.

¹⁵⁵ Cf. «Comunicado breve de imprensa», in *Ibidem*, 193-194.

¹⁵⁶ Cf. Nota 13.

1.3.1. Padres para este tempo

Por se dedicar ao *aggiornamento* da vida dos padres, o tema da vida comum tinha necessariamente de aparecer como centro das reflexões do primeiro simpósio. E foi o que sucedeu nas comunicações apresentadas no âmbito da comunhão presbiteral, cujas principais ideias incidiram sobre a vivência em comum do presbitério, a comunhão com a sociedade, a unidade que se fundamenta na Trindade como modelo de vida, a união do pároco à paróquia e à diocese e a formação permanente e espiritual dos presbíteros.

a) *A vivência em comum do presbitério* foi tratada por Fernando Silva no contexto das associações de clérigos e da vida espiritual do sacerdote. Nesse sentido, deixando de viver isolado¹⁵⁷, o padre inicia uma relação com o outro e cria maior hábito na oração. Ao abordar o n.º 8 da *Presbyterorum Ordinis*, do Concílio Vaticano II, o referido palestrante mostrou-nos que há uma crescente procura das associações de clérigos, de tal forma que o presente decreto as aprovou¹⁵⁸, até porque se trata de um tipo de vida que já existe desde os tempos apostólicos¹⁵⁹. O sacerdote necessita delas para viver evangelicamente. Não pode viver isolado. É neste sentido que se interpreta a obediência ao bispo por parte dos clérigos¹⁶⁰, que aceitam ser enviados por ele para a missão. Alfonso Hidalgo, ao debruçar-se acerca da formação permanente do sacerdote, teve em conta as suas motivações, importância e exigências deste tipo de formação e por isso exortou a que o sacerdote saísse do abandono e do isolamento¹⁶¹. No mesmo sentido, D. Jorge Ortiga mostrou, na sua exposição sobre o tema «formação permanente: meios e formas», que podemos chegar a uma maior unidade entre os párocos¹⁶² e,

¹⁵⁷ Cf. M. SILVA, «As associações de clérigos e a vida espiritual do sacerdote», in *SdCI*, 150-152, 160 e 161.

¹⁵⁸ Cf. *Ibidem*, 161.

¹⁵⁹ Cf. *Ibidem*, 152.

¹⁶⁰ Cf. *Ibidem*, 161.

¹⁶¹ Cf. A. HIDALGO, «Formação permanente do sacerdote: motivações, importância e exigências», in *SdCI*, 209.

¹⁶² Cf. J. ORTIGA, «Formação permanente: meios e formas», in *Ibidem*, 320-321.

posteriormente, a unidades pastorais¹⁶³.

b) *A comunhão com a sociedade* foi abordada por Alfonso Hidalgo dentro da temática da formação permanente do sacerdote. Este palestrante afirmou que tal vivência deve ser entendida como uma vida de maior relação, quer com o presbitério, quer com a sociedade¹⁶⁴ e que só tem fundamento na relação com a sociedade em que vivemos e com o presbitério. Em suma, o presbitério não pode subsistir privado da relação com a sociedade.

c) Segundo Alfonso Hidalgo, *a unidade deve fundamentar-se na Trindade como modelo de vida*¹⁶⁵. Note-se que este fundamento trinitário é apresentado desde a vida teologal. Na verdade, neste âmbito, a Trindade expressa-se na dinâmica das virtudes da fé, da esperança e da caridade, seu *modus vivendi*. Deste modo, as «virtudes teologais, a densidade da tríade que sustém a vida cristã, as virtudes que são moduladas pelo nosso ministério»¹⁶⁶ são meios de manifestação que se apresentam em função desta mesma forma de vida.

d) *A união do pároco à paróquia e à diocese*¹⁶⁷ foi outro tema apresentado por Alfonso Hidalgo. Como este teve ocasião de recordar, o padre coloca-se entre o bispo e os paroquianos, o que por vezes leva a que nos perguntemos onde radica a pastoral partilhada¹⁶⁸. A resposta deve encontrar-se numa pastoral de união entre os leigos e o bispo mediante o pároco. É preciso amar a diocese¹⁶⁹ com um amor que deve partir sempre do pároco e, através dele, chegar aos fiéis leigos.

e) *A formação permanente e espiritual dos presbíteros* foi abordada por Dário

¹⁶³ Cf. *Ibidem*, 307.

¹⁶⁴ Cf. A. HIDALGO, «Formação permanente do sacerdote: motivações, importância e exigências», in *SdCI*, 209.

¹⁶⁵ Cf. *Ibidem*, 209.

¹⁶⁶ *Ibidem*.

¹⁶⁷ Cf. *Ibidem*, 226.

¹⁶⁸ Cf. *Ibidem*, 227.

¹⁶⁹ Cf. *Ibidem*, 229.

Pedroso na sua reflexão sobre o itinerário presbiteral no Espírito¹⁷⁰. No seu entender, esta formação ajuda a crescer na amizade, a implementar a ajuda mútua e a viver da oração comum. Em conclusão, quando procurado na experiência espiritual, este ideal de vida leva a uma comunhão mais plena dos sacerdotes.

1.3.2. O estilo de vida do padre, problemas e apelos

Ao reflectir acerca do estilo de vida do padre, convém ter em conta que se tornou incontornável falar da comunhão ao longo deste simpósio. Assim sendo, passamos a enumerar onde, como e por quem foi tratado este tema. Apesar de variadas, todas as temáticas de fundo se relacionam: a secularidade como meio de comunhão, a identidade do presbítero, o sacerdócio ministerial e o sacerdócio comum; a comunhão fraterna, alguns exemplos de comunidades presbiterais, o desprendimento dos bens, a relação com o outro, o ideal sacerdotal de vida e o conselho presbiteral.

a) *A secularidade como meio de comunhão*, segundo Saturnino Gamarra, é própria do presbítero¹⁷¹, como pudemos constatar nesta conferência sobre o presbítero nas tensões do mundo. Neste contexto, foi salientada a importância da acção do sacerdote na sociedade¹⁷². Ele que necessita de seguir o exemplo da comunidade primitiva descrita em Act 2, 42-47, de modo a que tenha capacidade para enfrentar os desafios da vida; se não o fizer, terá muitas mais dificuldades.

b) *A identidade do presbítero*¹⁷³ sobressai nas *tensões* do mundo, como se depreende da análise de Saturnino Gamarra. A sua posição¹⁷⁴ dentro da sociedade torna-

¹⁷⁰ Cf. D. PEDROSO, «Caminhar no Espírito (dimensão espiritual da formação permanente)», in *SdCI*, 261-264.

¹⁷¹ Cf. S. GAMARRA, «El presbítero en las tensiones del mundo contemporaneo: esperanzas, desilusiones e inquietudes», in *SdC2*, 52.

¹⁷² Cf. *Ibidem*, 49.

¹⁷³ Cf. *Ibidem*.

¹⁷⁴ Cf. *Ibidem*, 53.

se mais epifânica quando o seu estilo de vida se pauta pela comunhão. Na verdade, o sacerdote, ao construir assim a sua identidade, vence mais facilmente as dificuldades e faz evoluir a comunidade em que vive, mediante o anúncio do evangelho.

c) *O sacerdócio ministerial e o sacerdócio comum*¹⁷⁵ são dois temas tratados por Gamarra, na mesma conferência. Todos participam do sacerdócio comum mas apenas alguns servem no sacerdócio ministerial. Ainda que sejam uma minoria, os sacerdotes devem perfilar-se a partir do seu carácter comunitário¹⁷⁶. Por eles passa a união de todos os membros dos presbitérios¹⁷⁷, isto é, o presbítero precisa de partir do *ser desde*, para o *ser para*¹⁷⁸, uma vez que não pode viver apenas para si, mas sobretudo para os outros.

d) *A comunhão fraterna*¹⁷⁹ dos presbíteros constituiu o tema da comunicação apresentada por Fernando Silva, que sublinhou ainda o papel da santificação no seu trabalho. É necessário, efectivamente, que o sacerdote fomenta aquela de modo a que cresça e frutifique na sociedade em que se encontra. De contrário, a santidade corre sérios riscos de extinção. Antes de mais, deverá o sacerdote dar mostras de uma vivência nesse ideal, pois só nesta expressão de vida poderá ser seguido. Recorde-se neste tocante o exemplo de Jesus quando lavou os pés aos discípulos (cf. Jo 13, 1-20), um modelo que permanecerá sempre como exemplar. Ainda assim, subsiste o perigo do isolamento do padre pelo poder que lhe é confiado¹⁸⁰. Efectivamente, muito embora tenha uma missão a cumprir, o sacerdote pode ficar fechado nas actividades e deveres de uma casa, dentro de uma paróquia.

Neste sentido, Idalino Simões, ao deter-se nas várias formas de vida em comum, referiu que o padre deverá abrir-se ao povo que lhe foi confiado, para então lhe

¹⁷⁵ Cf. *Ibidem*, 54.

¹⁷⁶ Cf. *Ibidem*.

¹⁷⁷ Cf. *Ibidem*, 67.

¹⁷⁸ Cf. *Ibidem*, 68-69.

¹⁷⁹ Cf. M. SILVA, «Santificar o seu mundo de trabalho ministerial», in *SdC2*, 128-130.

¹⁸⁰ Cf. *Ibidem*, 120-121.

apresentar o modelo de comunhão pastoral¹⁸¹ perfeita. Um modelo que, por razões de exemplaridade, precisa de ser vivido entre os presbíteros e a sociedade, com esta e para esta. Só então a relação entre aqueles e a comunidade que lhes foi confiada será autêntica.

Georgino Rocha, na comunicação acerca das implicações práticas da espiritualidade diocesana, afirmou que o presbítero deve inserir-se no presbitério de que faz parte¹⁸². Porque, a partir da ordenação, torna-se membro de um presbitério-comunhão¹⁸³, o que obriga a estar em relação com o seu bispo¹⁸⁴ e a crescer com ele, factores que concorrem para um amadurecimento da comunhão entre as Igrejas particulares¹⁸⁵.

e) *Os exemplos de comunidades presbiterais* foram apresentados por Manuel Mourão, que faz parte da Comunidade sacerdotal de Sarnadelo – Cever¹⁸⁶ e a forma de vida comunitária da Diocese da Guarda foi explicitada por José Almeida¹⁸⁷. Em circunstâncias relativamente diferentes, ambos os testemunhos, na primeira pessoa, atestaram da necessidade e urgência de viver o ideal da comunidade.

f) *O desprendimento dos bens*¹⁸⁸ foi o tema tratado por Jorge Guarda na conferência *Chamados para chamar*, um aspecto de suma importância. Semelhante relevo foi dado à vivência da comunhão fraterna¹⁸⁹ que permita a partilha de bens entre os sacerdotes.

Quanto às motivações do “estatuto do clero”, Manuel Felício mostrou que o presbitério deve ser um lugar de comunhão¹⁹⁰ onde os sacerdotes partilham quanto têm, quer a nível económico, quer a nível espiritual com aqueles com quem vivem. Por esta e

¹⁸¹ Cf. I. SIMÕES, «Formas de vida em comum: caracterização, valores e limites», in *SdC2*, 238-240.

¹⁸² Cf. G. ROCHA, «Implicações práticas da espiritualidade diocesana», in *Ibidem*, 148.

¹⁸³ Cf. *Ibidem*, 149-150.

¹⁸⁴ Cf. IDEM, «O padre diocesano e a missão “Ad Gentes”», in *SdC2*, 189.

¹⁸⁵ Cf. *Ibidem*, 192.

¹⁸⁶ Cf. M. MOURÃO, «Formas de vida em comum: caracterização, valores e limites», in *SdC2*, 241-244.

¹⁸⁷ Cf. J. ALMEIDA, «Formas de vida em comum: caracterização, valores e limites», in *Ibidem*, 244.

¹⁸⁸ Cf. J. GUARDA, «Chamados para chamar - a vida do padre e as vocações», in *Ibidem*, 98.

¹⁸⁹ Cf. *Ibidem*, 99.

¹⁹⁰ Cf. M. FELÍCIO, «Motivações do "estatuto do clero" da diocese de Viseu», in *SdC2*, 223-224.

outras razões, entre as quais a promoção de uma melhor qualidade da comunhão, se torna urgente a existência de um estatuto económico do clero¹⁹¹. Se tal não acontecer, será mais difícil viver a plena partilha de comunhão bem como manifestar solidariedade para com os fiéis das comunidades que servem.

Carlos Paes, ao tratar o tema da unidade e qualidade de vida na experiência pastoral, abordou a importância do discernimento para o presbitério em comunhão¹⁹². Segundo aquele palestrante, o discernimento é efectivamente uma condição essencial para a comunhão presbiteral, pelo que, sem ele, ninguém conseguirá viver em plena comunhão, reduzindo-se então somente a uma comunhão de estadia, onde a partilha é tão reduzida que mais parecerá um sucedâneo.

g) *A relação com o outro*¹⁹³ foi a temática desenvolvida por Carlos Azevedo. Reflectindo sobre os estilos de vida do padre, ao ritmo das mudanças culturais, esta comunicação conseguiu mostrar que a relação ajudará a criar um padre novo para o futuro¹⁹⁴. Por conseguinte, pela relação com os outros, o padre tornar-se-á alguém capaz de vencer com mais facilidade as dificuldades que lhe vão aparecendo no caminho. Por seu turno, José Alves, na sua comunicação acerca das inquietações existenciais vividas no interior da Cúria Diocesana, incentiva os sacerdotes a colocarem-se ao serviço da comunidade eclesial¹⁹⁵, e a terem, acima de tudo, a preocupação de a fazer crescer.

h) *O ideal sacerdotal de vida* foi o tema da comunicação apresentada por António Santos, numa conferência intitulada «Educação para a partilha – fraternidades»¹⁹⁶. No entender daquele, a partilha passa por uma vivência na pobreza e na simplicidade. Com efeito, este ideal torna-se tão mais importante quanto sabemos que ela permite ao

¹⁹¹ Cf. *Ibidem*, 223.

¹⁹² Cf. C. PAES, «Unidade e qualidade de vida na experiência pastoral», in *SdC2*, 265.

¹⁹³ Cf. C. AZEVEDO, «Os estilos de vida do padre ao ritmo das mudanças culturais», in *Ibidem*, 37.

¹⁹⁴ Cf. *Ibidem*, 38.

¹⁹⁵ Cf. J. ALVES, «Inquietações existenciais no interior da Cúria Diocesana», in *SdC2*, 86-87.

¹⁹⁶ A. SANTOS, «Educação para a partilha - fraternidades», in *Ibidem*, 230-231.

sacerdote compreender melhor aqueles que com ele vivem e passam necessidades. Em conclusão, a relação na partilha é o ideal sacerdotal a atingir no quotidiano.

i) O *conselho presbiteral*¹⁹⁷ foi o objecto da apresentação de Joaquim Vilar. Para este conferencista, tal Conselho não é de somenos importância nem pode ser esquecido, pois é nele que vários presbíteros, em representação de todos os outros, se encontram e partilham quer os bons, quer os maus momentos. Deste modo, é nele que vários presbíteros aprendem a ser comunidade na partilha das suas experiências, objectivo maior do referido Conselho.

1.3.3. Padres para um novo milénio

No dealbar do terceiro milénio, realizou-se um novo simpósio subordinado ao tema «Padres para um novo milénio». Ao longo deste encontro, alguns conferencistas reflectiram acerca da vida em comum, segundo certas perspectivas que se alargaram a outros panoramas e são importantes para este mesmo ideal de vida. Neste tocante, foram abordados os seguintes temas: a missão evangélica do padre e o Espírito Santo como auxílio para a comunhão; a comunidade modelo, a comunhão como algo fundamental; a comunhão como presença de Deus entre nós e a eucaristia como ponto culminante da união sacerdotal; perspectivas para o futuro e os encargos paroquiais que devem ser colocados nas mãos dos paroquianos.

a) *A missão evangélica do padre*, na conferência «Viver no novo milénio: desafios e propostas»¹⁹⁸ apresentada por Helena Pinto, instou-nos a olhar para o modo de vida do pastor e para o seu dever de evangelizar, mediante a sua vivência do e com o povo, pois esta conduz a uma necessidade de mudança na vida sacerdotal¹⁹⁹.

¹⁹⁷ Cf. J. VILAR, «Conselho presbiteral: espaço de co-responsabilidade e de comunhão colegial», in *Ibidem*, 267-291.

¹⁹⁸ H. PINTO, «Viver no novo milénio: desafios e propostas», in *SdC3*, 103.

¹⁹⁹ Cf. *Ibidem*, 100.

b) O «Espírito Santo aparece como um auxílio para a comunhão»²⁰⁰ na visão de Jesús Castellano, que considerou o sacerdote como *homem carismático* e como *homem pneumático*, na relação com a Trindade e na relação trinitária. O Espírito Santo aparece também como meio de ajuda²⁰¹, dado o seu cariz santificador e pelo facto de, na oração, ser o intermediário entre o Pai e o Filho. Donde decorre que o sacerdote deve estar em relação com Cristo e com o Espírito²⁰², pois é pelo Espírito que aquele cria uma relação com o Pai e com o Filho, eles que configuram a máxima relação e o exemplo maior de unidade. Assim sendo, o sacerdote deve procurar assemelhar-se a Eles e ver n'Eles o amor de Cristo, propiciador da mais profícua comunhão presbiteral²⁰³. Tal como Cristo tinha os discípulos por companheiros e quando os enviou, enviou-os dois a dois, da mesma forma a Igreja deve ser também trinitária²⁰⁴ e a relação dos sacerdotes, semelhante à da Santíssima Trindade²⁰⁵.

c) A «comunidade modelo» foi apresentada por Jesús Castellano, que no simpósio explorou a relação dos discípulos com Jesus²⁰⁶, um dos mais proveitosos exemplos a seguir. O sacerdote precisa, por conseguinte, de entrar no mistério da Igreja pela comunhão²⁰⁷, cujo ideal era já bem visível no tempo de Jesus.

d) A «comunhão como algo fundamental»²⁰⁸, segundo Jesús Castellano, apresenta-se quando este habita com o outro e vive uma relação que deve seguir o exemplo da Trindade²⁰⁹, ou seja, aquela que se revela através de um Deus-amor e se manifesta na comunhão com o outro²¹⁰, um ideal que os presbíteros devem partilhar.

²⁰⁰ J. CASTELLANO, «El sacerdote, hombre "pneumático", hombre carismático», in *SdC3*, 36.

²⁰¹ Cf. *Ibidem*, 36-37.

²⁰² Cf. *Ibidem*, 43.

²⁰³ Cf. J. CASTELLANO, «En la persona de Cristo, siervos por amor», in *SdC3*, 76.

²⁰⁴ Cf. IDEM, «El sacerdote, hombre trinitario», in *Ibidem*, 119-121.

²⁰⁵ Cf. *Ibidem*, 121.

²⁰⁶ Cf. *Ibidem*, 128.

²⁰⁷ Cf. *Ibidem*, 130.

²⁰⁸ *Ibidem*, 131.

²⁰⁹ Cf. *Ibidem*, 132-133.

²¹⁰ Cf. *Ibidem*, 133.

e) A «*comunhão aparece como a presença de Deus entre nós*»²¹¹, na visão de Jesús Castellano, pelo facto de Ele se manifestar apenas na relação com o homem, através do diálogo que cria comunhão por si mesmo. Deste modo, Deus torna-se modelo de unidade²¹² na vida de cada homem e, consequentemente, na vida sacerdotal. Portanto, a partir deste modelo todos os sacerdotes são convidados a praticar uma vida de plena relação e sobretudo comunhão, uma vida que não se reduza unicamente à partilha do mesmo tecto²¹³.

f) A «*eucaristia aparece como ponto culminante da união sacerdotal*»²¹⁴, afirmou o Secretariado do simpósio, por ser nela que todos se reúnem para celebrar o mistério da unidade do corpo de Cristo.

g) «*Nas perspectivas para o futuro*», D. Jorge Ortiga interpelou os participantes acerca do que acontecerá se se viver em comunhão²¹⁵, já que, por vezes, não é fácil compreender as implicações deste tipo de vivência. Com efeito, a comunhão só é percebida quando é verdadeiramente vivida. Tendo em conta as experiências relatadas, não restou à assistência quaisquer dúvidas acerca dos proveitos da comunhão. Foi sublinhado, contudo, que esta deverá evoluir, para poder frutificar cada vez mais. Para que o pároco possa semear em pleno, é necessário que ele e a sociedade tenham todas as condições, entre as quais avulta a comunhão presbiteral, que vive da partilha de experiências entre todos, e é, julgamos, o melhor meio de preparação da grande colheita. Daí a necessidade de se optar por uma mudança para melhorar a vida pastoral²¹⁶, como apresentou Maria Pimenta, ao enunciar os desafios e as propostas para uma qualificação da vida comum no novo milénio.

²¹¹ *Ibidem*, 134.

²¹² Cf. *Ibidem*, 135.

²¹³ Cf. A. BORGES, «Viver no novo milénio: desafios e propostas», in *SdC3*, 95-96.

²¹⁴ Secretariado do Simpósio, «Documento final», in *Ibidem*, 244-245.

²¹⁵ Cf. J. ORTIGA, «Pórtico», in *Ibidem*, 7-9.

²¹⁶ Cf. M. PIMENTA, «Viver no novo milénio: desafios e propostas», in *Ibidem*, 108-109.

h) Os «encargos paroquiais nas mãos dos paroquianos»²¹⁷, abordados por Dionísio Boróbio na sua conferência sobre «ministério e ministérios da Igreja actual», são um ponto importante neste aspecto, ao permitir que os sacerdotes se libertem de tarefas que os leigos podem assumir, visto terem para isso demonstrado competência suficiente. Desta forma, ao sacerdote é permitido dispor de mais tempo para a relação com outros sacerdotes e com o povo que lhe foi confiado. É neste contexto que Boróbio apresentou a sua comunicação acerca das funções ministeriais da Igreja²¹⁸, tanto as que são requeridas ao pároco, como as que são atribuídas aos leigos, de modo a promover uma maior participação nos serviços paroquiais²¹⁹.

1.3.4. A oração na vida e o ministério do sacerdote

Por decisão da Conferência Episcopal Portuguesa, o quarto simpósio foi consagrado ao tema «A oração na vida e o ministério do presbítero». Porque é dentro da oração que o sacerdote vive em plena comunhão, neste simpósio, foram fulcrais a questão da celebração comunitária e a importância da relação. Ambos os temas constituíram o cerne da reflexão para aprofundar as raízes da vivência em plena comunhão dentro do presbitério.

a) A *celebração comunitária*²²⁰, comunicação apresentada por Jaume Padrós, mostrou com propriedade que o presbítero inicia a sua vida sacerdotal na celebração com o outro. No seu depoimento, foi valorizada sobremaneira a comunhão entre os homens e entre os homens e Cristo, pedra angular²²¹. Sem a existência destas relações e destes dois tipos de comunhão não é possível uma vivência a exemplo da comunidade cristã inicial.

²¹⁷ D. BORÓBIO, «Ministerio e ministerios en la Iglesia actual», in *Ibidem*, 203.

²¹⁸ Cf. *Ibidem*, 203.

²¹⁹ Cf. *Ibidem*, 203-204.

²²⁰ Cf. J. PADRÓS, «La ordenación: una novedad de vida», in *SdC4*, 60.

²²¹ Cf. *Ibidem*, 55.

Daqui advém a necessidade da colaboração no mesmo ministério²²². Deste modo, tudo se torna mais fácil e mais proveitoso, já que aqueles que partilham a vida encontram mais facilidades nos seus caminhos e mais força nas adversidades.

b) *A importância da relação*²²³ para Armindo Vaz, que se debruçou acerca do caminho dos discípulos de Emaús, é notável e decisiva, levando a que os padres sejam amigos e se unam nesta relação de que o próprio sacerdote tem necessidade: sem ela não pode viver. Na verdade, o sacerdote deve ser exemplo para os outros, fazendo por não alimentar a contradição, a destruição e a separação. Mais, deve procurar a união com cada pessoa e cada comunidade. Donde facilmente se infere que esta relação leva necessariamente ao crescimento²²⁴ da comunidade com os presbíteros.

Como valorizou D. José Policarpo no seu discurso de encerramento das jornadas do clero, o sacerdote deve viver da unidade do presbitério que leva à unidade de fé²²⁵. É nela que o sacerdote encontra um sentido pleno para a sua vida, sem esquecer o complemento que constitui a oração individual para a sua vivência. Foi ainda neste contexto que José Mahon, ao abordar a oração e o compromisso apostólico, reflectiu sobre a procura do apoio mútuo que os presbíteros garantem na relação²²⁶.

1.3.5. Presbitério em comunhão ao serviço da comunhão eclesial

Ao investigar a questão de um presbitério ao serviço da comunhão eclesial, verificámos que o tema central deste simpósio foi na realidade a vida comum. Com efeito, vários conferencistas abordaram este tema no encontro. Por conseguinte, os principais pontos

²²² Cf. *Ibidem*, 59.

²²³ Cf. A. VAZ, «No caminho dos discípulos de Emaús», in *SdC4*, 95.

²²⁴ Cf. *Ibidem*, 97-98.

²²⁵ Cf. J. POLICARPO, «Discurso do presidente da conferência episcopal portuguesa no encerramento das jornadas do clero 2002», in *SdC4*, 267.

²²⁶ Cf. J. MAHON, «Oração e compromisso apostólico», in *Ibidem*, 181.

abordados foram: a comunhão presbiteral, as unidades pastorais; a compreensão do conceito presbitério em comunhão; a comunhão como caminho para a santidade; os pólos da relação presbiteral; a comunhão presbiteral não como hierarquia mas como relação; a abertura à comunhão que deve levar ao crescimento pastoral; os caminhos de comunhão co-responsável no presbitério; a Trindade como maior exemplo de comunhão: o conselho presbiteral; e a promoção de organismos pastorais.

a) *A comunhão presbiteral*²²⁷, segundo a abordagem de José Camões, na temática da oração e compromisso apostólico, é um dos mecanismos de uma forte comunidade presbiteral²²⁸, pelo que, enquanto tal, deve estar fortemente ligada à comunidade sem prescindir do contributo de ninguém, antes requerendo a colaboração de todos.

b) *As unidades pastorais*²²⁹, na visão de José Camões, são de extrema importância, por nelas se partilharem os mesmos ideais e se dar a conhecer o que de bom e de mau acontece na vida apostólica de cada presbítero.

c) *A compreensão do conceito “presbitério em comunhão”*²³⁰, segundo D. Jorge Ortiga, incorpora em si o sentido de comunhão na relação. Daqui decorre naturalmente a necessidade de que o presbitério em comunhão apareça, conviva, partilhe e abrace a ideia de comunidade alargada ao povo.

d) *A comunhão aparece como caminho para a santidade*²³¹, na exposição de António Santos, que abordou os caminhos do Senhor como caminhos de comunhão. Na verdade, ela é o meio de relação mais perfeito de que o homem dispõe. De facto, sem os outros não é nunca possível uma comunhão de ideais, restando em última instância uma vivência em presbitério isolado. Por outro lado, a comunhão presbiteral deve dar o

²²⁷ Cf. J. CAMÕES, «Caminhos da comunhão eclesial», in *SdC5*, 188-189.

²²⁸ Cf. *Ibidem*, 197-199.

²²⁹ Cf. *Ibidem*, 187-188.

²³⁰ Cf. J. ORTIGA, «Presbitério em comunhão», in *SdC5*, 7-11.

²³¹ Cf. A. SANTOS, «Os caminhos do Senhor são caminhos de comunhão», in *Ibidem*, 17-18.

exemplo para a comunhão eclesial²³², pois se aquela for sólida, a comunhão eclesial terá aí um fundamento de vida e de amor.

e) *Os pólos da relação presbiteral*²³³, na opinião de João Duque, que abordou a Trindade e a comunhão eclesial, dão-nos a dimensão e a intensidade do ideal de vida do presbítero. São eles que levam a que este viva em plena comunhão com a sociedade de que faz parte, o ideal da perfeita comunhão com o povo a que foi enviado. Com efeito, dois são os pólos da relação de comunhão nas comunidades²³⁴: as comunidades presbiterais e, num contexto mais alargado, as comunidades eclesiais. Pela entreaajuda, ambos os tipos de comunidade beneficiam com a relação de comunhão.

f) *A comunhão presbiteral não como hierarquia mas como relação*²³⁵ foi postulada por Enzo Bianchi na perspectiva do presbitério como comunhão. Este palestrante considerou que a comunhão presbiteral deve consistir numa relação de partilha com os outros presbíteros, que aparecem como bem precioso da Igreja²³⁶, precisamente porque eles na sua entrega crescem mutuamente e mutuamente se ajudam. Os presbíteros vivem acima de tudo para a Igreja, casa e escola de comunhão²³⁷, pois foram chamados à missão de evangelizar e de fazer do povo de Deus uma só Igreja, em que todos podem ser vistos como irmãos e são iguais. É no âmbito desta igualdade que se deve procurar um meio de relacionar a comunhão presbiteral com o governo da Igreja local²³⁸. Em suma, os sacerdotes têm um dever: o de evangelizar para uma plena comunhão.

g) Segundo Maria Figueiral, *a abertura à comunhão deve levar ao crescimento*

²³² Cf. *Ibidem*, 20.

²³³ Cf. J. DUQUE, «Trindade e comunhão eclesial», in *SdC5*, 64-65.

²³⁴ Cf. *Ibidem*, 63.

²³⁵ Cf. E. BIANCHI, «O presbitério como comunhão», in *SdC5*, 68.

²³⁶ Cf. *Ibidem*, 68.

²³⁷ Cf. *Ibidem*, 69-72.

²³⁸ Cf. *Ibidem*, 72-74.

*pastoral*²³⁹. Da única forma que faz sentido: num ideal de participação e de co-responsabilidade.

h) *A acção que leva à união mostra-nos que os caminhos de comunhão co-responsável no presbitério*²⁴⁰ são aqueles que nos levam a ter de tomar decisões nas nossas vidas e a ter que agir em determinadas situações, segundo António Martins. Porque apenas pela acção poderemos criar um maior laço de amor e de partilha com os outros, isso alcançado, não é possível separar esse ideal da vivência fraterna e sacerdotal.

i) *A Trindade aparece como maior exemplo de comunhão*²⁴¹, no comunicado final. Na verdade, Ela é o exemplo perfeito de comunhão a que cada presbítero deve procurar chegar.

j) *O conselho presbiteral*²⁴², dentro da questão da participação e co-responsabilidade, torna-se segundo António Janela, o espaço favorável para a partilha de problemas e para o aparecimento de soluções para os problemas que ocorrem na vida sacerdotal. Deste modo, foi reconhecida e validada a importância e a função do conselho presbiteral²⁴³ como instituição necessária para o melhoramento da vida do clero.

k) *A promoção de organismos pastorais*²⁴⁴, apresentada no âmbito da temática da participação e co-responsabilidade, torna-se uma necessidade, uma vez que o sacerdote é cada vez mais responsável por um crescente número de paróquias, de tal forma que não tem tempo para assumir todos os seus deveres dentro das paróquias que lhe foram confiadas, ajudando por vezes menos do que deveria as referidas paróquias a viver em plena comunhão.

²³⁹ Cf. M. FIGUEIRAL, «A participação e a co-responsabilidade», in *SdC5*, 145.

²⁴⁰ Cf. A. MARTINS, «Caminhos de comunhão eclesial», in *Ibidem*, 192-195.

²⁴¹ Cf. «Comunicado Final», *Ibidem*, 217-218.

²⁴² Cf. A. JANELA, «A participação e a co-responsabilidade», in *Ibidem*, 161-162.

²⁴³ Cf. *Ibidem*, 161-162.

²⁴⁴ Cf. M. CLEMENTE, «Caminhos de comunhão eclesial», in *SdC5*, 174.

1.3.6. Reaviva o dom que há em ti

A necessidade de reavivar o dom que há em cada sacerdote foi o tema a que se subordinou o SdC6. Por consequência, vários conferencistas desenvolveram o tema sob várias perspectivas e dimensões, a saber: o sacerdote deve ser fiel ao bispo e ao presbitério; a comunhão (a exemplo dos primeiros cristãos) diz-nos que Cristo veio para nos amar; a comunhão trinitária e, por fim, a formação permanente.

a) *O sacerdote deve ser fiel ao bispo e ao presbitério*²⁴⁵, foi um dos pensamentos desenvolvidos por D. Jorge Ortiga, ao referir-se à tarefa árdua e permanente de reavivar o dom. Só nesta relação pode o sacerdote vivenciar uma comunhão presbiteral aberta ao amor ao próximo com maior dedicação, aniquilando assim a possibilidade de viver uma comunhão esporádica e descomprometida.

b) *A comunhão a exemplo dos primeiros cristãos mostra-nos que Cristo veio para nos amar*²⁴⁶ foi o grande pensamento desenvolvido por Luís Melo dentro da temática «não descures o dom espiritual que está em ti». Como notou, com pertinência, este conferencista, quando Jesus começou a ensinar, procurou aqueles que com Ele deviam seguir caminho. Só depois seguiram eles mesmos sozinhos a ensinar e a anunciar o Reino numa dinâmica comunitária.

c) *A comunhão trinitária*²⁴⁷, que D. José Policarpo desenvolveu relativamente à necessidade de crescer como pessoas para servir como pastores, situa-se no âmbito da relação do Pai com o Filho, uma relação que os presbíteros devem ter como exemplo. Outro aspecto desta relação de comunhão que os presbíteros devem ter em conta é a partilha de amor para com os mais necessitados segundo o ideal de Deus Pai, pronunciado por Cristo: «amai-vos uns aos outros como eu vos amei» (Jo 13,34).

²⁴⁵ Cf. J. ORTIGA, «Tarefa permanente: reavivar o dom», in *SdC6*, 29-31.

²⁴⁶ Cf. L. MELO, «Não descures o dom espiritual que está em ti», in *Ibidem*, 85.

²⁴⁷ Cf. J. POLICARPO, «Crescer como pessoas para servir como pastores», in *Ibidem*, 100.

d) A *formação permanente*²⁴⁸ foi abordada por Amadeu Cencini na «formação permanente, desafio e graça», em ordem a uma vivência em comum. No entender deste conferencista, ela aparece como necessária a uma vivência em comunhão presbiteral. Então, os seminários devem formar para a vida em comunhão; contudo, após esta vivência comunitária primeira, é necessário que os novos padres procurem expressões novas, ajustadas à vivência do ministério nas circunstâncias mais variadas.

²⁴⁸ Cf. A. CENCINI, «Formação permanente: desafio e graça», in *Ibidem*, 132-141.

2. FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS QUE PRESIDEM À COMUNHÃO PRESBITERAL

Antes de desenvolvermos este capítulo, convém referir que, após a apresentação dos simpósios e das suas dinâmicas e, no seguimento da apresentação do tema em cada simpósio, debruçar-nos-emos sobre a teologia da comunhão presbiteral. Nesse sentido, prestaremos especial atenção às *Actas* dos referidos simpósios. Sendo cada encontro dedicado a uma temática fundamental, nesta parte do trabalho, o nosso objectivo é fazer uma abordagem crítica de cada tema, sob os seus mais determinantes aspectos e atendendo ao contexto em que se situa a temática em causa.

A nossa abordagem crítica tem por base a Exortação apostólica pós-sinodal *Pastores Dabo Vobis*, que consideramos fulcral para o desenvolvimento desta temática. De resto, foi com base nesta exortação que nasceram os simpósios do clero e as respectivas *Actas*.

2.1. Relação entre a Santíssima Trindade e a unidade presbiteral

O fundamento da comunhão é o amor. Segundo Jo 4, 16 «quem permanece no amor permanece em Deus». Com efeito, sem esta forma de vida baseada no amor, enquanto relação, não se poderá viver em união presbiteral, pois o amor gera comunhão e a comunhão gera o amor.

Em Jo 1, 1 lê-se que «no princípio existia o Verbo; o Verbo estava em Deus; e o Verbo era Deus». A total unidade entre as três pessoas, uma vez que o Espírito Santo está também nesta relação, transmite pelo Verbo (a Santíssima Trindade enquanto geradora, modelo e exemplo de unidade), uma unidade que ajuda cada presbítero a crescer na comunhão presbiteral.

Tal como acabamos de explicitar, a fonte da identidade sacerdotal é a Santíssima Trindade, que se revela e comunica aos homens em Cristo, constituindo-O germen e início do reino²⁴⁹, e que estabelece através d'Ele, uma comunhão entre os homens e o Pai. É por isso que na *Christifideles laici* se fala da Igreja como mistério, comunhão e missão²⁵⁰.

Assim como a Santíssima Trindade, consistindo num só Deus, é formada por três pessoas distintas, Pai, Filho e Espírito Santo, assim também na comunhão presbiteral os padres partilham a relação e vivem em comum. Mais, buscam o trabalho de equipa e a partilha, sem anularem as suas diferenças pessoais, antes valorizando-as como dons recebidos da Trindade.

Mas a relação de comunhão remonta ao princípio da fé. Jesus procurou aqueles que queria que fossem com Ele ao longo do seu caminho, aqueles com quem escolheu ter uma vida em comum (cf. Mc 1, 16-20). E é assim que Jesus se revela.

Quando vive em comunhão, a Igreja assemelha-se à Santíssima Trindade. Sem a comunhão, a Igreja teria mais dificuldades em subsistir e necessitaria de buscar uma nova forma de vida. É na relação que a Igreja vivencia a alegria de caminhar à luz de Cristo, que é a cabeça.

Na *Pastores Dabo Vobis*, citando a *Propositio* 29, o Papa João Paulo II exorta a que os sacerdotes vivam da comunhão, em oração e forte relação com os seus bispos²⁵¹. O Pontífice pede ainda que aqueles estejam unidos ao Papa²⁵² para que a Igreja seja una. Só assim se poderão evitar separações e cisões. Mais: ninguém se afastará da Igreja e, nela, todos encontrarão novas perspectivas para os desafios que se lhes colocarem.

Esta exortação encontra eco no contexto dos simpósios do clero, onde verificamos que todo o sacerdote precisa de seguir Cristo e de viver na relação com os outros sacerdotes a

²⁴⁹ Cf. *PDV*, 12.

²⁵⁰ Cf. *CL*, 8.

²⁵¹ Cf. *PDV*, 66.

²⁵² Cf. *Ibidem*, 18.

exemplo da Trindade que vive «uma vida de comunhão no amor»²⁵³, e que, sendo três pessoas, estas necessitam umas das outras mutuamente para poderem subsistir. Nenhuma pode viver apenas para si; da mesma forma, o sacerdote também necessita de viver na relação com o outro sacerdote de tal modo que deixe de viver apenas para si ou para a comunidade. Mas a comunidade não é tudo, pois o sacerdote enquanto tal pertence a um presbitério e, por isso, não o pode colocar de parte, tendo também responsabilidades para com ele.

A exemplo da Igreja, o sacerdote, se vive em «comunhão terá força de testemunho»²⁵⁴, se vive «dividido terá a debilidade da dispersão»²⁵⁵. Por estas razões, ele deverá procurar mais a comunhão do que a solidão, de modo a viver em relação com todos os presbíteros que o rodeiam.

Neste sentido, o sacerdote deve ser o exemplo da comunhão em cada comunidade²⁵⁶, pois é ele o pastor que guia as ovelhas que Cristo lhe confiou.

Em suma, a união presbiteral advém da necessidade de seguir o exemplo da Igreja que «ruma para a Trindade»²⁵⁷, como afirmou Bruno Forte, nomeadamente acerca das virtudes humanas, tendo em conta as dificuldades que o tempo presente nos vai apresentando.

Ao terminar a sua conferência, Enzo Bianchi afirmou que «a Igreja é uma comunidade única, embora plural; ela não é obra de indivíduos, mesmo que se trate de guias carismáticos ou de grandes pastores, mas é *sýn-odós*, “caminhar juntos” na história, para o Reino, bispo, presbíteros, fiéis»²⁵⁸. O que nos leva a olhar para esta realidade da Igreja como uma realidade de comunhão, uma realidade de vida em unidade entre todo o clero e entre o clero e o povo de Deus.

²⁵³ J. CASTELLANO, «O sacerdote homem trinitário», in *SdC3*, 127.

²⁵⁴ *Ibidem*, 130.

²⁵⁵ *Ibidem*.

²⁵⁶ *Ibidem*, 132.

²⁵⁷ B. FORTE, «O horizonte eclesiológico global: a Igreja, ícone da Trindade», in *SdC1*, 65.

²⁵⁸ E. BIANCHI, «Tri-união de Deus e comunhão eclesial», in *SdC5*, 91.

No âmbito do SdC5, João Duque afirmou que «o presbítero pode realizar a sua identidade, a sua verdade, enquanto modo próprio de corresponder analogicamente à sua missão de ser construtor de comunhão»²⁵⁹, sendo capaz de gerar, deste modo, um caminho de unidade e de comunhão entre ele as pessoas e entre ele e os outros padres.

2.2. A vida sacerdotal na plenitude do amor e do serviço

A vida sacerdotal é a consagração «para uma missão»²⁶⁰. Nesta consagração, o «sacerdócio que é ministerial»²⁶¹, não o é apenas para si, mas também para os outros. Daí que a «ligação do sacerdócio ao sacrifício eucarístico»²⁶² assente mais na oração, não colocando contudo de parte a missão para com os outros e a consagração dos mesmos. O sacerdote é embaixador de Cristo, seu ministro e mero administrador dos mistérios de Deus²⁶³, vivendo para servir aqueles a quem foi enviado e para se entregar na missão que lhe é confiada.

Na comunhão presbiteral, o sacerdote encontra-se «inserido num conjunto de relações, afectivas e efectivas, com todos os membros que constituem a mesma comunhão»²⁶⁴. Aqueles a quem foi enviado partilham destas mesmas relações e trazem para a comunidade os frutos que dela surgirem.

Na relação com os presbíteros e com o povo de Deus, o sacerdote é enviado a viver uma missão de comunhão, que lhe é inerente pela ordenação e pela consequente comunhão com o seu bispo.

Jesus não vive na solidão. Isola-se, sim, mas para entrar em relação com o Pai pela oração. É nela que encontra a paz que o leva a estabelecer as formas para o serviço para o qual foi

²⁵⁹ J. DUQUE, «Trindade e comunhão eclesial», in *Ibidem*, 64.

²⁶⁰ A. SOARES, *A comunhão hierárquica da Igreja*, 321.

²⁶¹ *Ibidem*, 321.

²⁶² *Ibidem*.

²⁶³ Cf. *Ibidem*.

²⁶⁴ J. ORTIGA, «Pórtico», in *SdC3*, 7.

enviado. Eis o estilo de vida que Ele transmite aos discípulos: «Eu vim para servir e não para ser servido» (Mt 20, 28). O encontro, o acolhimento e a escuta são as principais formas do serviço de Jesus. E é este o serviço que Ele espera dos seus discípulos, pelo que, à imitação destes, o sacerdote procurará fundamentar a sua missão, na oração e pela comunhão.

A actividade sacerdotal, para além de todos os aspectos apresentados anteriormente, vive de um ideal não menos importante: o homem de Deus seduzido, segundo Anselm Grün no sexto simpósio do clero²⁶⁵. Com efeito, o sacerdote que não se deixa seduzir por Cristo nada pode fazer na sociedade em que vive, porque necessita de viver essa primeira sedução trilhando um caminho de amor. A este factor acresce ainda a renovação nos seus corações (dos sacerdotes) do espírito de santidade, conforme propôs o cardeal D. Cláudio Hummes no mesmo simpósio²⁶⁶. De acordo com este cardeal, nesta renovação o sacerdote vai adquirindo capacidades que levarão o povo que lhe foi confiado a frutificar e crescer. Por outro lado, o sacerdote é também um homem litúrgico e um homem lúdico como exprimiu Jaume González Padróz dentro do quarto simpósio do clero²⁶⁷. No terceiro simpósio, Jesús Castellano desenvolveu a questão do sacerdote que na pessoa de Cristo se torna servo por amor²⁶⁸, para servir enquanto homem e enquanto enviado na missão de evangelizar todos os que lhe são confiados. Note-se, contudo, que antes do encerramento do simpósio, o diário do mesmo debruçou-se acerca da identidade do padre²⁶⁹, uma identidade que para além de tudo deve ser regida pelo amor ao próximo e pelo serviço. A esse factor acresce ainda a necessidade de uma vivência evangélica à semelhança do que propôs Saturnino Gamarra no segundo simpósio do clero²⁷⁰. Este palestrante defendeu ainda que a evangelização é o verdadeiro caminho para a conquista e o chamamento dos fiéis para o reino de Deus. Recorde-se neste tocante que, no

²⁶⁵ A. GRÜN, «O presbítero: homem de Deus seduzido», in *SdC6*, 33-45.

²⁶⁶ C. HUMMES, «Renova nos seus corações o espírito de santidade», in *Ibidem*, 171-188.

²⁶⁷ J. G. PADRÓZ, «Homo liturgicus – homo ludens», in *SdC4*, 119-131.

²⁶⁸ J. CASTELLANO, «En la persona de Cristo, siervos por amor», in *SdC3*, 63-83.

²⁶⁹ Diário do simpósio, «A identidade do padre», in *Ibidem*, 249-250.

²⁷⁰ S. GAMARRA, «Perspectivas evangélicas para vivencia feliz del celibato», in *SdC2*, 161-176.

primeiro simpósio, Bruno Forte tratara da espiritualidade do presbítero²⁷¹, uma espiritualidade que cresce quando o sacerdote vive da relação com o presbitério de que faz parte ao mesmo tempo que vive cada necessidade do povo para onde foi enviado e exerce o seu ministério com amor e oração.

2.3. A eucaristia, fonte de alimentação da comunhão

Quando se celebra a eucaristia, esta torna-se fonte de alimento e de comunhão por este sacramento conseguir reunir em si mesmo uma comunidade orante. Na eucaristia, além de «uma Igreja em comunhão»²⁷², encontramos «uma Igreja evangelizadora»²⁷³ onde a evangelização está presente, quando os sacerdotes celebram a «Eucaristia com unanimidade de sentimentos»²⁷⁴. Por isso, eles não se poupam a esforços para que «os fiéis, por meio da Eucaristia, conheçam e vivam cada vez mais perfeitamente o mistério pascal»²⁷⁵ e formem «um corpo bem compacto na unidade da caridade de Cristo»²⁷⁶.

Mas a eucaristia também é comunhão, isto é, celebração «em comunhão com o bispo próprio, com o Romano Pontífice e com o Colégio Episcopal e, através deles, com os fiéis da Igreja particular e da Igreja inteira»²⁷⁷. Nela, há entre todos os fiéis comunhão ao mesmo tempo que se manifesta numa presença viva da Igreja. Nela também, reza-se por todos os vivos e pelos que já partiram. Ninguém é excluído.

Porém, a comunhão reveste-se de outras cambiantes. A comunhão hierárquica, por exemplo, atinge «a sua mais alta manifestação na celebração litúrgica»²⁷⁸, pois «toda a

²⁷¹ B. FORTE, «A identidade espiritual do presbítero», in *SdCI*, 117-128.

²⁷² IDEM, *Sobre o sacerdócio ministerial*, 37.

²⁷³ *Ibidem*.

²⁷⁴ *PO*, 8.

²⁷⁵ *CD*, 15.

²⁷⁶ *Ibidem*.

²⁷⁷ *PG*, 57

²⁷⁸ B. FORTE, *Sobre o sacerdócio ministerial*, 18.

legítima celebração da Eucaristia é dirigida pelo bispo»²⁷⁹, representado pelo padre que celebra. O padre tem, de facto, a missão de celebrar e de estar com as pessoas a quem o bispo, pela Igreja, o envia. Nesta missão, o sacerdote «é chamado a viver a comunhão e a missão em relação a todo o povo de Deus»²⁸⁰. Vivendo na comunhão e na missão em relação com o povo de Deus, o sacerdote torna presente a unidade que Cristo veio anunciar quando encarnou, vindo até nós. Na verdade, a sua encarnação foi um meio para nos ajudar a caminhar mais de perto para o Pai e para podermos viver em comunhão fraterna uns com os outros.

Depois de ter reunido alguns discípulos, Jesus enviou-os dois a dois a todos os povos, para que por meio daqueles chegasse a todos a sua mensagem.

Nesse sentido, o sacerdócio ministerial não é «a síntese dos ministérios, assumindo-os todos em si, mas o ministério da síntese, que a todos reconhece e promove na unidade do povo santo de Deus»²⁸¹ e tem por missão celebrar e administrar os sacramentos a cada cristão que os queira receber de livre vontade, exprimindo o sacerdote nesta missão a sua total disponibilidade para os administrar àqueles.

Para além deste tipo de união, cimentada na unidade, cada sacerdote vive uma união em presbitério, onde «a união dos sacerdotes entre si é tornada visível na liturgia da ordenação e na concelebração da Eucaristia: “Cada um (presbítero) está unido aos demais membros do presbitério por particulares vínculos de caridade apostólica, de ministério e de fraternidade”»²⁸². A união em presbitério está presente em cada ordenação, pois o bispo pergunta ao ordinando se este lhe promete reverência e obediência, a ele e aos seus sucessores, ao que ele responderá: prometo. Convocada uma hierarquia e uma aceitação da missão que lhe é confiada, o ordinando fica doravante disponível para partir para onde o bispo considerar mais oportuno, em função das suas capacidades e das necessidades do povo.

²⁷⁹ J. LIMA, *Teologia prática fundamental, fazei vós, também*, 335.

²⁸⁰ B. FORTE, *Sobre o sacerdócio ministerial*, 18.

²⁸¹ IDEM, «Identidade espiritual do presbítero», in *SdCI*, 125

²⁸² IDEM, *Sobre o sacerdócio ministerial*, 18.

Enquanto centro da vida cristã, a eucaristia propõe a partilha de bens, a comunhão eucarística e a presença de Cristo entre os homens na Palavra. «A celebração eucarística é o momento fontal e culminante da vida cristã, do sacerdote e do fiel leigo»²⁸³. A celebração da Palavra pode por vezes (na ausência do presbítero) fazer-se na impossibilidade da celebração eucarística, não sendo desprovida de valor para aqueles que nela participam.

Na celebração eucarística, os presbíteros «proclamam o mistério de Cristo»²⁸⁴: unem ao «sacrifício da Cabeça a oferta dos fiéis»²⁸⁵, exercem o «múnus de guia pastoral»²⁸⁶, «reapresentam e aplicam o único sacrifício do Novo Pacto»²⁸⁷ e agem «“in persona Christi”»²⁸⁸. Vivendo uma comunhão com Cristo, onde tudo se manifesta e se recorda a Morte e a Ressurreição do Senhor, os sacerdotes medeiam este memorial que é visível em cada celebração e traz até nós o momento culminante de toda a nossa fé, ou seja, a morte e ressurreição do Senhor.

A comunhão eucarística é um meio de união de todo o povo de Deus e, também, do presbitério. Por isso, em certas ocasiões, os sacerdotes celebram em conjunto para se fortalecerem e crescerem na unidade partilhando ideias e acontecimentos que vão marcando as suas vidas. Esses momentos de comunhão não se esgotam na eucaristia, mas prolongam-se nos retiros, nas recolecções, nos encontros sacerdotais, arceprestais, diocesanos e nacionais, pois neles, os sacerdotes reflectem sobre a sua vida.

Em suma, ao viver na relação com o outro (presbítero), o sacerdote vive em comunhão com todo o presbitério.

²⁸³ SECRETARIADO DO SIMPÓSIO, «Documento final», in *SdC3*, 244.

²⁸⁴ B. FORTE, *Sobre o sacerdócio ministerial*, 19.

²⁸⁵ *Ibidem*, 19.

²⁸⁶ *Ibidem*.

²⁸⁷ *Ibidem*.

²⁸⁸ *Ibidem*.

2.4. A colegialidade, não espírito de classe

A colegialidade é querida por Cristo e «vigora sempre entre os bispos como *communio episcoporum*»²⁸⁹ e não como espírito de classe. Trata-se de um meio de relação entre os bispos e entre eles e os sacerdotes onde é manifestada uma vida de relação à luz da colegialidade episcopal e presbiteral, não um espírito de classes.

Deste modo, há na colegialidade um «“afecto colegial” ou colegialidade afectiva, de que deriva a solicitude dos bispos pelas outras Igrejas particulares e pela Igreja universal»²⁹⁰. Um bispo não está só se permanecer «unido ao Pai pelo Filho no Espírito Santo»²⁹¹. Assim sendo, viverá uma relação «com os seus irmãos no episcopado e com aquele que o Senhor escolheu como Sucessor de Pedro»²⁹² e com o presbitério de que faz parte. O presbitério é a sua fonte de crescimento, o local onde ele encontra conforto para as suas dificuldades e novas perspectivas para o crescimento do povo de Deus. É no presbitério que ele inicia a comunhão com a Igreja e que o bispo conhece a realidade na relação com todos os presbíteros.

Assim sendo, só na relação «com o Papa e com os outros bispos, num vínculo íntimo de unidade e colaboração»²⁹³, pode o bispo corresponder «ao desígnio divino que quis unir inseparavelmente os Apóstolos ao redor de Pedro»²⁹⁴, já que esta união dos sacerdotes e dos bispos entre si se torna «visível na liturgia da ordenação e na concelebração da Eucaristia»²⁹⁵, quando esta é realizada «com unanimidade de sentimentos»²⁹⁶. Por conseguinte, os presbíteros devem pautar-se pela «humildade, docilidade e acolhimento recíproco, que traduzam a colegialidade efectiva em comunhão afectiva e, portanto, em real co-responsabilidade e

²⁸⁹ PG, 8.

²⁹⁰ *Ibidem*.

²⁹¹ *Ibidem*.

²⁹² *Ibidem*.

²⁹³ *Ibidem*, 19.

²⁹⁴ *Ibidem*.

²⁹⁵ B. FORTE, *Sobre o sacerdócio ministerial*, 18.

²⁹⁶ PO, 8.

colaboração pastoral»²⁹⁷, para que de futuro haja uma maior unidade colegial dentro de todo o presbitério.

A «“colegialidade pastoral” torna-se existencialmente concreta»²⁹⁸, quando há amor e serviço real à diocese a que se está ligado e é real quando existe amor e entrega à Igreja universal.

Relativamente à fraternidade sacramental, esta deriva «da unidade de ordenação e da identidade de missão, do participar no único sacerdócio de Cristo, e de um fim comum: construir o único Corpo de Cristo»²⁹⁹, que é a Igreja. Nesse sentido, o sacerdócio de Cristo é, na verdade, o sacerdócio do qual todos os sacerdotes participam após a sua ordenação presbiteral e do qual nunca mais deixam de fazer parte. Trata-se, portanto, de um sacerdócio para a missão e não para o sacerdote. Yves Congar, numa outra linha de orientação, afirmou que «a colegialidade (...) é uma realidade de valor dogmático que não tem lugar senão ao nível do episcopado. Mas em sentido mais largo, (...) pode-se falar de uma colegialidade presbiteral»³⁰⁰, a qual não está apenas restringida aos bispos, pois o presbitério diocesano é constituído pelos padres e pelo bispo da diocese que tem a missão de estar à frente do presbitério e de ouvir os padres que dele fazem parte, ajudando-os e aprendendo com eles em cada situação apresentada, mediante as suas perspectivas.

A esse respeito, Enzo Bianchi afirmou que «não se pode ser servo da comunhão na comunidade cristã, sem o exercício contínuo dessa verdadeira arte da comunhão no seio do presbitério»³⁰¹ e que «é impossível “viver a Igreja” sem intensificar, renovar continuamente, tornar transparente e visível a comunhão intra-presbiteral»³⁰². Segundo a lógica da colegialidade e da *sinodalidade*, os sacerdotes caminham juntos (*syn-odós*) na história, para o

²⁹⁷ B. FORTE, *Sobre o sacerdócio ministerial*, 18.

²⁹⁸ A. HIDALGO, «Formação permanente do sacerdote», in *SdC1*, 229.

²⁹⁹ J. VILAR, «Conselho presbiteral: espaço de corresponsabilidade», in *SdC2*, 285.

³⁰⁰ Y. CONGAR, «Le sacerdoce du Nouveau Testament, Mission et culte.», in *Les prêtres. Formation, ministère et vie*, 248.

³⁰¹ E. BIANCHI, «O presbitério como comunhão», in *SdC5*, 69.

³⁰² *Ibidem*, 69.

Reino de Deus e com todo o povo de Deus. «Os presbíteros são, portanto, chamados a fugir de qualquer lógica individualista e de toda a forma de singularidade ostensiva, a evitar o isolamento e, sobretudo, a auto-suficiência»³⁰³, partilhando uma vida em comum com todo o presbitério e com a Igreja a que pertencem.

O conselho presbiteral é uma disposição «para o governo da Diocese»³⁰⁴, que tem «uma expressão jurídica actual da comunhão hierárquica do presbitério com o bispo diocesano, manifestação da co-responsabilidade do presbitério da Diocese e da comunhão, sinodalidade ou até de uma certa “colegialidade”»³⁰⁵. Sendo expressão de uma unidade e partilha onde há o crescimento de cada um em particular, o colégio de sacerdotes pode ser considerado «órgão consultivo da Igreja particular com o Colégio dos bispos»³⁰⁶, e pode-se afirmar dos seus membros que vivem numa «colegialidade presbiteral»³⁰⁷. Trata-se, todavia, de um organismo regido pela partilha e pela união de cada membro que dele é parte, porque só desse modo faz sentido um colégio presbiteral.

A solicitude dos bispos resulta do afecto colegial ou colegialidade afectiva³⁰⁸ de que os sacerdotes necessitam em confronto com as necessidades da Igreja. O próprio Cristo havia procurado esta colegialidade³⁰⁹ entre os seus discípulos. Por conseguinte, todo o sacerdote que caminha para a comunhão, segue o exemplo da primeira comunidade cristã, onde tudo era de todos e ninguém tinha nada que fosse seu (cf. Act 2, 44-47), havendo na partilha com quem mais necessita, um exemplo claro de comunhão.

³⁰³ *Ibidem*, 71.

³⁰⁴ J. VILAR, «Conselho presbiteral: espaço de corresponsabilidade», in *SdC2*, 274.

³⁰⁵ *Ibidem*, 274.

³⁰⁶ A. SOARES, *A comunhão hierárquica da Igreja*, 382.

³⁰⁷ *Ibidem*, 382.

³⁰⁸ Cf. *PG*, 8.

³⁰⁹ Cf. *Ibidem*.

Assim sendo, torna-se necessária uma colegialidade pastoral³¹⁰, que seja o garante da unidade das várias paróquias e dos vários padres das zonas pastorais, que são necessárias para os nossos tempos e para o desenvolvimento desta união.

2.5. A relação com os fiéis e a experiência evangélica da comunhão entre os presbíteros

Ao serem atribuídas aos fiéis certas tarefas paroquiais, estas libertam o sacerdote, permitindo que este esteja mais disponível para estar com outros sacerdotes³¹¹ e com os próprios fiéis. Ao mesmo tempo, o sacerdote ganha tempo para si e para a oração, tão necessária para o seu fortalecimento e encontro com Deus.

Os fiéis, ao assumirem determinados cargos nas comunidades, entram numa relação estreita com o sacerdote, que tem a responsabilidade de os orientar a eles e à sua fé. Apesar de responsável pela paróquia, não compete ao sacerdote fazer todos os trabalhos paroquiais, podendo estes estar nas mãos dos fiéis. Todavia, nesta situação, o sacerdote deverá estar sempre por dentro de tudo o que vai acontecendo; afinal é o responsável principal pela paróquia. Para além disso, o sacerdote só poderá realizar a sua missão, se estiver em relação com os outros padres.

Assim sendo, é importante salientar que os sacerdotes, ao desenvolverem o plano pastoral³¹², deverão ter por base o plano diocesano e arciprestal, pois a conjugação das actividades propostas nos diferentes planos, assumidos pela comunidade local, será geradora de co-responsabilidades eclesiais, a exemplo da comunidade modelo proposta no Livro dos Act 2, 44-47.

³¹⁰ Cf. A. HIDALGO, «Formação permanente do sacerdote: motivações, importância e exigências», in *SdCI*, 229.

³¹¹ Cf. *CD*, 30.

³¹² Cf. A. HIDALGO, «Formação permanente do sacerdote: motivações, importância e exigências», in *SdCI*, 246.

2.6. Formação nos Seminários para a comunhão presbiteral

Todos «os presbíteros, elevados pela ordenação ao grau do presbiterado, estão unidos entre si por uma íntima fraternidade sacramental»³¹³. Contudo, nem sempre esta íntima unidade gera comunhão presbiteral, pois o facto de viverem dois sacerdotes numa mesma casa não é garante de uma vida em comum. Podem, simplesmente, viver debaixo do mesmo tecto e não se relacionarem e podem apenas tratar de assuntos essenciais à coabitação, vivendo isolados um do outro. É verdade que o sacerdote precisa de momentos em que esteja só, mas não pode deixar de parte a relação com o outro, pois esta fá-lo-á crescer e levá-lo-á a partilhar densidade da vida apostólica.

É por isso que a formação dentro dos Seminários abrange quatro vertentes importantíssimas para o discernimento vocacional em ordem ao presbiterado. As referidas vertentes são: a humana, a espiritual, a intelectual e a pastoral³¹⁴.

Salientamos ainda que, tal como referimos anteriormente em relação ao presbiterado, a vida em seminário nem sempre é meio de comunhão. O seminário, que forma para a vida em comum, tem uma diversidade de equipas as quais por vezes podem não unir as pessoas, mas sim dividi-las, por causa da diversidade de ideias. Sendo certo que há atitudes nas pessoas que não podem ser mudadas, contudo, devemos ajudá-las a caminhar para a relação. As equipas constituem neste aspecto um bom meio para as pessoas se darem a conhecer e para se saber onde têm um melhor desempenho. Na diferença de cada um encontram-se muitas coisas boas que ajudam os outros a crescer e a fazer com que a fé cristã seja cada vez mais vivida.

A vertente humana tem, então, como ponto de partida a relação com os outros: os comportamentos, a personalidade e a vida sobrenatural do sacerdote³¹⁵; a caridade pastoral; a

³¹³ *PO*, 8.

³¹⁴ Cf. *PDV*, 42.

³¹⁵ Cf. J. POLICARPO, «As dimensões da formação permanente: humana, intelectual, espiritual, pastoral. Experiências e reflexão», in *SdCI*, 255.

abertura do sacerdote; a esperança; o juízo positivo da história; o espírito crítico na unidade da personalidade pastoral³¹⁶; a capacidade de discernir; a sensibilidade, as manifestações da verdade salvífica; a captação da profundidade do homem; o ir para além do imediato, das aparências, da falta de objectivos nas suas vidas, das manifestações; a missão do pastor; um bom discernimento crítico; a criatividade; a capacidade de corrigir, de correr riscos, de inventar; a bondade do pastor; a fidelidade e o amor à verdade³¹⁷.

A dimensão espiritual vive da oração, do relacionamento e da intimidade com Deus; da maturidade; da fidelidade ao ministério; da contínua conversão; da fidelidade vivencial, existencial, prática, quotidiana, sacramental e ontológica; da formação permanente na dimensão espiritual; do deixar-se moldar pela oração³¹⁸; da escuta pessoal e meditação da palavra; da formação e vida espiritual dos sacerdotes³¹⁹; da liturgia das horas; da oração pessoal quotidiana; da recepção do sacramento da reconciliação; da devoção a Nossa Senhora; da visita e do culto à sagrada eucaristia; do retiro espiritual; da direcção espiritual e da vida em união mística com Deus.

Outros aspectos de extrema importância para o sacerdote devem ser igualmente mencionados: o silêncio, a oração, o retiro espiritual, a leitura e a formação de dimensão espiritual; a partilha espiritual, a formação interior; a redescoberta do valor e da prática da direcção espiritual; a colocação nas mãos dos leigos de muitas actividades; a dedicação à pregação da Palavra; a fomentação de cursos intensivos, os encontros por regiões; a participação dos sacerdotes no retiro anual e Recolecção espiritual; a ajuda aos sacerdotes que tenham fome de Deus, o desejo de oração, de formação e de leitura espiritual; a criação de

³¹⁶ Cf. *Ibidem*, 256.

³¹⁷ Cf. *Ibidem*, 257.

³¹⁸ Cf. *Ibidem*, 261.

³¹⁹ Cf. *Ibidem*, 262.

«comunidades sacerdotais» onde a amizade e a ajuda mútua possam ser meios eficazes de formação permanente, com a oração e partilha comum³²⁰.

A vertente intelectual manifesta-se na capacidade de aprendizagem, na expressão da pessoa; numa fé sempre em crescimento; na formação permanente³²¹; no teólogo como um homem de fé; na fé que tem uma dimensão pública e comunitária; na reflexão teológica, que tem de ser criativa³²² e na necessidade das ciências humanas³²³.

Finalmente, a dimensão pastoral centra-se na acção e vivência dos diversos modos de manifestar a fé e na formação dos futuros presbíteros. O sacerdote, enquanto homem de missão e de diálogo, necessita de estar em profunda comunhão com o Papa, os bispos, os outros sacerdotes e com os leigos. Por outro lado, esta dimensão também exige manutenção ou renovação, dada a necessidade de fé nas várias culturas³²⁴.

Estas quatro dimensões levantam diversas questões que não podem ser esquecidas dentro da sociedade que nos rodeia dado que:

«Poderá a pastoral ficar alheia a estes desafios? Qual o sentido da evolução? Como perceber o que se vai passando? Os estudiosos das ciências humanas começam a descobrir algumas linhas de força, ainda que de um modo provisório, mas já com algumas constantes: maior e mais alargada instrução; afirmação do personalismo individual; possibilidade de escolha perante as múltiplas propostas; critério da eficácia das doutrinas; necessidade de ver concretizações; interesse pelo «novo», pela «novidade» em contraposição ao «antigo»; na busca de segurança contra o improvisado; na afirmação do bem-estar material para além da sobrevivência; no desejo de participação e não apenas de execução; no exercício de solidariedade efectiva; no universalismo que ultrapassa fronteiras mesquinhas»³²⁵.

³²⁰ Cf. *Ibidem*, 263-264.

³²¹ Cf. *Ibidem*, 258.

³²² Cf. *Ibidem*, 259.

³²³ Cf. *Ibidem*, 260.

³²⁴ Cf. *Ibidem*, 265.

³²⁵ *Ibidem*, 266.

Pelo que «é necessário estudo e reflexão permanentes como condição para a nova evangelização»³²⁶. Para que a evangelização dê frutos e ajude a sociedade a crescer na fé, e não apenas na ciência, fé e ciência devem trabalhar em conjunto para podermos caminhar cada vez mais para a verdade, que é Deus. Esta verdade só nos é possível alcançar pela fé, que a ciência vai ajudar a viver cada vez mais fortemente.

Por que razões há ainda padres que não vivem em comum? É proposto aos sacerdotes que caminhem rumo a uma vida de comunhão, que sejam capazes de se ajudarem mutuamente a alcançar um ideal de vida comum e de partilha. Contudo, ainda há muito a fazer para que isto aconteça.

2.7. O presbitério como fonte de comunhão e o conselho presbiteral

O presbitério, enquanto causa de comunhão, cria fontes de relação com o outro (padre/bispo) e organiza o clero das diversas zonas pastorais, pelo que o presbítero que se afasta deste ideal de vida afasta-se do seu presbitério e deixa de o conhecer na sua essência. O presbitério vive da comunhão de todos os fiéis crentes e não crentes. É, por isso, necessário ir ao encontro do clero que se encontra afastado e acolhê-lo para que ele se sinta parte integrante do grupo, no qual tomou parte no dia da sua ordenação.

Assim sendo, o conselho presbiteral existe para dar respostas às «aspirações do nosso tempo»³²⁷, ou seja, ele é a «expressão da eclesiologia de comunhão»³²⁸ e o «representante de todo o Presbitério»³²⁹. Tem «uma vontade clara e expressa em todas as fontes»³³⁰ cristãs e «um modo original de representação»³³¹. Enquanto «Senado do Bispo Diocesano»³³², o conselho

³²⁶ *Ibidem*, 267.

³²⁷ J. VILAR, «Conselho presbiteral: espaço de co-responsabilidade e de comunhão colegial», in *SdC2*, 267.

³²⁸ *Ibidem*, 268.

³²⁹ *Ibidem*, 270.

³³⁰ *Ibidem*.

³³¹ *Ibidem*, 271.

presbiteral auxilia o «bispo no governo da Diocese»³³³ e ajuda os presbíteros a tomarem «consciência da representação de todo o presbitério»³³⁴, para assim haver uma «participação activa»³³⁵ entre o clero e o povo confiado a cada presbítero.

2.8. Conclusões

Neste capítulo, procurámos abordar os fundamentos teológicos que presidem à relação do presbitério, tendo como linhas de orientação a relação entre a Santíssima Trindade e a unidade presbiteral, a vida sacerdotal na sua plenitude, a eucaristia como alimentação da comunhão, a colegialidade enquanto contrária ao espírito de classe, a relação com os fiéis que é fortalecedora da experiência e da beleza evangélica da comunhão entre os presbíteros, o contributo da formação nos seminários para a comunhão presbiteral, o presbitério como fonte de comunhão e o conselho presbiteral.

No primeiro ponto, abordou-se a relação de amor que gera comunhão; aprofundou-se acerca da unidade da Santíssima Trindade como fonte de identidade sacerdotal e da vida em comum dos sacerdotes, a exemplo da Santíssima Trindade, caminhando para a partilha; bem como acerca da relação de Jesus com os discípulos e da forma de agir d'Ele para com eles e da semelhança da Igreja para com a Trindade e das dificuldades da sua subsistência, aquando do afastamento deste modo de vida baseado na Trindade. Citámos, a este respeito, o Papa João Paulo II que exortou a que a Igreja vivesse unida de modo a não cair em dificuldades que a poderão abalar. Salientámos ainda a necessidade de o sacerdote seguir a Cristo e de viver na relação com outros sacerdotes. Em seguida, sublinhámos que caso não viva em comunhão, viverá em dispersão. O sacerdote enquanto pastor que procura a união das ovelhas e não

³³² *Ibidem*, 274.

³³³ *PO*, 7.

³³⁴ J. VILAR, «Conselho presbiteral: espaço de co-responsabilidade e de comunhão colegial», in *SdC2*, 284.

³³⁵ *Ibidem*, 287.

apenas apascentá-las deve ser o exemplo. Abordámos ainda a necessidade de seguir a Igreja que rumo para a Trindade, sendo ele o primeiro modelo neste caminho que levará outros a caminhar também. Não podemos esquecer aqui a necessidade de caminhar juntos para a mesma realidade que é Cristo, pelo que, ao terminar este ponto, verificámos o quanto o sacerdote tem a necessidade de ser promotor do caminho para a unidade entre os padres e entre o povo de Deus.

Dentro da plenitude da vida sacerdotal, procurámos demonstrar a importância da consagração para a missão, e da oração, da afectividade e da efectividade de cada sacerdote; também aprofundámos acerca da comunhão como factor inerente à ordenação e ao serviço, a exemplo de Jesus que veio para servir e não para ser servido. Deus quer que o homem se sinta seduzido pela sua Palavra e que a siga. É necessário que os sacerdotes sejam homens litúrgicos e lúdicos, na oração como na vida, servindo por amor e tendo uma vivência evangélica ao longo da sua caminhada sobre a terra. Como último aspecto deste ponto, salientámos a espiritualidade do presbítero que cresce na relação com os outros presbíteros e com o povo de Deus. No entanto, ao longo da caminhada há a necessidade da renovação dos corações dos sacerdotes.

Detivemo-nos ainda na eucaristia, fonte de alimentação da comunhão, como meio de união de todos os cristãos e de evangelização; como factor de unidade entre todo o clero; como celebração litúrgica e ponto mais alto da comunhão hierárquica; desenvolvemos também a questão do sacerdócio ministerial, como aquele que tem por missão administrar os sacramentos a todos os que os queiram receber; a liturgia da ordenação, que torna visível a comunhão; a eucaristia como centro da vida cristã, partilha de bens, comunhão eucarística e presença de Cristo entre os homens na Palavra; a acção do sacerdote na eucaristia; a vivência em comunhão com Cristo e a comunhão eucarística entre diversos sacerdotes.

A colegialidade, querida por Cristo num espírito que não é o de classe, revelou a necessidade de um afecto colegial entre todo o presbitério bem como a unidade da ordenação e a identidade da missão, que devem ser visíveis e fortalecem este modo de vida. Há, portanto, um sacerdócio em comum, pois todos os sacerdotes caminham juntos ao longo da história. É nesse âmbito que surge o colégio presbiteral como lugar de partilha e de comunhão entre o clero. Uma comunhão, a exemplo da primeira comunidade cristã, como se pode ler em Act 2, 44-47. O nosso tempo, todavia, requer as zonas pastorais como necessárias para a unidade.

Mas também a relação com os fiéis é fortalecedora da experiência e da beleza evangélica da comunhão entre os presbíteros, pois na entrega de tarefas aos leigos, o presbítero consegue mais tempo para esta relação com os fiéis e com os outros presbíteros. Não deixa, todavia, de ter o dever de estar por dentro de tudo o que se passa na paróquia, havendo ainda a necessidade de criar um plano pastoral, constante e cimentado no plano arciprestal e diocesano, como garante de uma maior participação das pessoas nas actividades planeadas e onde ele participa, o que, por sua vez, leva a consecutivos encontros com o clero a que pertence.

Ainda no âmbito da comunhão presbiteral, a formação nos seminários chama à fraternidade sacramental entre os sacerdotes após a ordenação presbiteral. Contudo, ela nem sempre é visível e isso pode traduzir-se na vivência de dois sacerdotes debaixo de um mesmo tecto que não se falam, ou seja, vivem isolados. Por isso, a formação no seminário abrange quatro importantes vertentes para a vida sacerdotal: a humana, a espiritual, a intelectual e a pastoral. Foram salientados os aspectos mais importantes de cada vertente. Por fim, foi abordada a questão da relação entre a fé e a ciência, que merece especial atenção.

Em suma, ao falarmos do presbitério como fonte de comunhão debruçámo-nos acerca da necessidade de criar fontes de comunhão e de ir ao encontro daqueles que se encontram afastados. O conselho presbiteral tem por missão obviar os recursos para a resolução dessas questões, bem como ajudar o bispo no governo da diocese e a todos os presbíteros.

3. PERSPECTIVAS PARA UMA PASTORAL FUTURA NA COMUNHÃO PRESBITERAL

Após a abordagem teológica levada a cabo no segundo capítulo, iremos agora passar a uma abordagem de carácter mais pastoral, no final da qual lançaremos perspectivas para o futuro da comunhão presbiteral. No âmbito da pastoral, a comunhão presbiteral dá frutos entre o clero e entre a comunidade. Neste capítulo, daremos conta dos aspectos que nos parecem mais determinantes para uma projecção mais alargada deste modo de vida, tendo em conta as noções que podem facilitar ou dificultar este modo de ser.

3.1. Que futuro para a comunhão presbiteral?

Após a abordagem teológica de cada um dos simpósios, verificámos que a comunhão presbiteral já é uma realidade. Na verdade, alguns padres apresentaram-nos este modo de vida como positivo e enriquecedor. Um padre de uma comunidade de Coimbra afirma:

«Optamos pelo bom senso, pelo respeito e pela ajuda mútua, como referências para o nosso diálogo e acerto da vida em conjunto. Cada um vai assumindo as suas responsabilidades e fazemos da refeição da noite o nosso espaço normal de encontro e diálogo. Sempre que possível, temos como espaço de oração comum a recitação de Laudes (...) a preocupação de dialogar (...) ouvindo o conselho e a perspectiva dos outros membros do grupo (...) atitude de fraternal ajuda (...) olhar outros ângulos (...) temos maneiras diferentes de ver os problemas (...) multivisões culturais ou teológicas (...) correcção fraterna (...) corrigir e ser corrigido (...) possibilidade da palavra amiga para ajudar a superar ou a corrigir determinada maneira de ser ou de agir»³³⁶.

Daqui facilmente se depreende que se abrem novas perspectivas para cada sacerdote, especialmente para aquele que não viva neste modelo de comunhão. A vida sacerdotal, «mais

³³⁶ I. SIMÕES, «Experiência de vida em equipa – Coimbra», in *SdC2*, 239.

do que modelo pré-fabricado que se impõe, é um ideal de vida que se propõe»³³⁷, uma vez que ela existe para os outros e não apenas para si. Em isolamento, perde o seu valor, muito embora o sacerdote necessite de momentos de isolamento, para poder experimentar Deus através de formas diversificadas, como sejam a oração, o trabalho e o repouso. Mas mesmo na comunhão com o outro, o sacerdote pode experimentar Deus, pois Deus não se manifesta apenas quando ele está só. Nesta forma de vida há momentos de oração comum e momentos que são de oração individual. Todos são fulcrais para a vida sacerdotal pelo que nenhum sacerdote os pode deixar de lado.

O padre está para os outros e não apenas para si. Neste sentido, os padres necessitam de estar em «profunda comunhão com o Papa, os Bispos e uns com os outros»³³⁸. Por outro lado, a vivência em comunhão fará surgir outras vocações³³⁹, tendo em conta a construção da «unidade na diversidade dos dons e das responsabilidades»³⁴⁰, tanto no presbitério como na comunidade.

Na verdade, cada vocação pode ser vivida mais intensamente na «generosidade, escuta da Palavra, vivência do amor, na comunhão fraterna, na entreaajuda, serviço co-responsável na unidade»³⁴¹, porque a unidade com outros sacerdotes gera aprendizagem para cada sacerdote.

Podemos e devemos «caminhar juntos em atitudes e acções de serviço paroquial»³⁴², ao vivermos esta comunhão sacerdotal, em que as «refeições em comum (“casa comum e comunidade de mesa”) (...) convívio após o jantar ou ceia, (...) carácter familiar à nossa maneira de viver»³⁴³ se tornam meio de unidade, ajudando a partilhar e a debater ideias que vão surgindo.

³³⁷ J. ALMEIDA, «Uma experiência na diocese da Guarda», in *Ibidem*, 244.

³³⁸ J. SOUSA, «Formação permanente: dimensão pastoral», in *Ibidem*, 265-267.

³³⁹ Cf. J. GUARDA, «Chamados para chamar: a vida do padre e as vocações», in *Ibidem*, 99.

³⁴⁰ *Ibidem*.

³⁴¹ *Ibidem*.

³⁴² M. MOURÃO, «Comunidade sacerdotal de Sarnadelo – Cever», in *SdC2*, 241.

³⁴³ *Ibidem*, 242.

Porém, em certas situações se verifica que «não há regulamento, nem horas determinadas para dormir e levantar. Cada um administra o seu tempo como bem entende, desde que respeite o que é fundamental: compromissos pastorais assumidos antecipadamente, as horas das refeições e o espírito da vida em comum»³⁴⁴. Dispondo assim de uma forma de vida livre, embora com alguns momentos de vida em comum e partilha, os sacerdotes devem evitar encerrar-se no grupo³⁴⁵ e procurar «estar presentes por meio de um ou mais elementos em todas as actividades diocesanas e colaborar activamente nas reuniões do clero (...), prestando a ajuda possível e necessária»³⁴⁶.

Deste modo, é-lhes facultado o «tempo para a formação espiritual (o retiro anual) e a formação permanente, assim como, para alguns dias de férias (quinze dias)»³⁴⁷.

Convém salientar, entre outros aspectos, o «apoio e ajuda mútua»³⁴⁸, o «enriquecimento pessoal, sob o ponto de vista intelectual, pastoral e até espiritual, pela complementaridade de qualidades, partilha de iniciativas, vida em comum e mútua amizade»³⁴⁹, o «equilíbrio no crescimento humano e no exercício do ministério, de modo a combater o isolamento e o individualismo»³⁵⁰, a «defesa contra a solidão e aprendizagem da amizade e solidariedade sacerdotal na vida em comum»³⁵¹, a «possibilidade de oferecer ao povo cristão uma qualidade de serviços mais diversificada, pelo facto, de não ser sempre a mesma pessoa a prestá-los»³⁵² e a «economia de despesas e de esforços»³⁵³. Subsequentemente, as limitações deste tipo de vivência e experiência são «algum afastamento relativamente à vida das comunidades

³⁴⁴ *Ibidem.*

³⁴⁵ Cf. *Ibidem*, 243.

³⁴⁶ *Ibidem.*

³⁴⁷ *Ibidem.*

³⁴⁸ *Ibidem.*

³⁴⁹ *Ibidem.*

³⁵⁰ *Ibidem.*

³⁵¹ *Ibidem.*

³⁵² *Ibidem.*

³⁵³ *Ibidem.*

paroquiais mais distantes»³⁵⁴, a «falta de oração em comum»³⁵⁵ e «a habituação ou rotina numa prática pastoral adquirida»³⁵⁶.

Outros aspectos determinantes para este processo são as «refeições mais ou menos periódicas em comum, reuniões para oração e trabalho conjunto, habitação comum, colaboração e acção pastoral conjunta»³⁵⁷ pelo que esta parece ser «a melhor alternativa para viver de modo credível, a nível humano e evangélico, o ministério sacerdotal»³⁵⁸ sendo inclusivamente considerada um dos melhores “enriquecimentos da pessoa humana” e, simultaneamente, um dos que dá «mais credibilidade e possibilidade de maior eficácia pastoral»³⁵⁹ à Igreja. Deste modo, a Igreja cresce e o sacerdote partilha muito mais na relação com o outro. O que leva a que muitos considerem, julgamos nós certamente, que a comunhão presbiteral é o meio mais viável para assegurar o futuro da vida sacerdotal, já que o sacerdote ganha com isso e a comunidade em que ele vive também.

3.2. A vida em comum

A vida em comum pode revestir-se de diversas «características, conforme as necessidades pessoais e pastorais (refeições mais ou menos periódicas em comum, reuniões para oração e trabalho conjunto, habitação comum, colaboração e acção pastoral conjunta)»³⁶⁰.

Um sacerdote afirma que «na procura de novas formas de vida em comum para o clero tem importância (...) o apoio do bispo diocesano e do Presbitério a projectos viáveis,

³⁵⁴ *Ibidem.*

³⁵⁵ *Ibidem.*

³⁵⁶ *Ibidem.*

³⁵⁷ *Ibidem*, 244.

³⁵⁸ J. ALMEIDA, «Uma experiência na diocese da Guarda», in *SdC2*, 244.

³⁵⁹ *Ibidem*, 244.

³⁶⁰ M. MOURÃO, «Comunidade sacerdotal de Sarnadelo – Cever», in *SdC2*, 241-244.

sobretudo na colocação e distribuição do clero jovem, em início de vida e ministério pastoral»³⁶¹.

Com efeito, é necessário repensar e trabalhar a vida em comum para que esta seja uma realidade, em tempos futuros, de forma mais abrangente entre todo o clero. Nas leituras e investigações efectuadas, não encontrámos nada de negativo nesta forma de vida, que, pelo contrário, até ajuda o sacerdote a ter um maior rigor nos horários e na vida orante, bem como o auxilia a conviver com os outros e a não se isolar.

Por que haveremos de desprezar a vida em comum quando esta se apresenta tão positiva? Que não seja colocada de parte, pois só ela permite crescer e aprender com os outros, numa relação de amizade e de fraternidade. É de facto nesta relação de fraterna amizade que se manifesta esta forma de vida e de relação com o outro sacerdote.

Para que os sacerdotes deixem de viver isolados e comecem a viver em unidades pastorais, ou seja, da comunhão presbiteral é requerida grande organização sacerdotal. Este esforço em direcção à comunhão presbiteral é cada vez mais empreendido, porque combate o isolamento dos sacerdotes. O isolamento deve ser um factor libertador do sacerdote no sentido de reflectir na sua vida pessoal. No entanto, o isolamento deve ser um estado não uma condição de vida.

3.3. A partilha de bens materiais e espirituais

O beato João Paulo II referiu-se à partilha de bens, impulsionada pela consciência de pertencer a um presbitério, como um factor que favorecerá uma distribuição mais equitativa dos bens entre irmãos no sacerdócio e uma certa comunhão de bens³⁶².

Na vida monástica, este aspecto enquadra-se numa linha de perfeição, onde existem sociedades de vida apostólica, institutos seculares presbiterais, várias formas de comunhão e

³⁶¹ *Ibidem.*

³⁶² Cf. PDV, 30.

de partilha espiritual nos movimentos eclesiais³⁶³. Esta partilha é a raiz e a razão da unidade dos monges no ministério a que se comprometeram para com a Igreja e leva a uma ajuda e crescimento mútuos, na fraternidade e na vida em comum.

Comum à vida monástica e aos padres na «pastoral»³⁶⁴, encontrámos esta partilha nas «opiniões»³⁶⁵ e na «fraternidade»³⁶⁶. Dada essa abrangência, a mesma necessita de um «método»³⁶⁷ que lhe seja específico, de tal modo, que os padres possam ser exemplo uns para os outros e para a sociedade.

Nesse sentido, na sua relação com os seminários, o bispo tem uma importância fulcral para os seminaristas, pois partilha com eles um pouco do que é o presbitério e a realidade diocesana e ainda «tudo o que diz respeito ao caminho pastoral da Igreja particular»³⁶⁸, na qual ele e eles se encontram inseridos.

Na verdade, na Igreja universal encontrámos uma diversidade de Igrejas particulares, orientadas por um pastor que é o bispo, o qual, na relação com os padres, orienta toda a Igreja que lhe está confiada e dirige-a em função do que a Santa Sé lhe indica.

O ministério sacerdotal está portanto vinculado aos presbíteros e dependente dos bispos. Nele radica a pastoral partilhada³⁶⁹, que se torna partilhável quando existe uma relação entre os sacerdotes, ou seja, quando estes procuram a comunhão entre eles.

A partilha de histórias concretas³⁷⁰, por exemplo, é um meio eficaz de união e de ajuda mútua entre os sacerdotes dado que os leva a ter novos horizontes e a abrir novas perspectivas na vida e na sociedade.

³⁶³ Cf. *Ibidem*, 31.

³⁶⁴ J. VILAR, «Conselho presbiteral: espaço de corresponsabilidade e de comunhão colegial», in *SdC2*, 289.

³⁶⁵ *Ibidem*.

³⁶⁶ A. SANTOS, «Os caminhos do Senhor são caminhos de comunhão», in *SdC5*, 18.

³⁶⁷ A. CENCINI, «Formação permanente: desafio e graça», in *SdC6*, 139.

³⁶⁸ *PDV*, 65.

³⁶⁹ Cf. A. HIDALGO, «A formação permanente do sacerdote: motivações, importância e exigências», in *SdC1*, 227.

³⁷⁰ Cf. *Ibidem*, 246-247.

«O grupo é lugar de partilha de vida, de comunhão aberta e franca»³⁷¹, é isto que o diferencia de mais um conjunto de pessoas que interagem sozinhas e não em comum. Esta partilha de vida torna-se cada vez mais fundamental, para ajudar a compreender as dificuldades e as vitórias de cada um. A este respeito, deve salientar-se ainda que a partilha leva não raro a um espírito de pobreza, que «vivido na atitude de partilha dos próprios bens constitui uma via para o despertar de vocações de entrega total a Deus»³⁷², umnexo fundamental.

Também é digna de nota «a partilha da sua solicitude pastoral»³⁷³, fundamental no perfil de todo o sacerdote e da sua vida espiritual, porquanto o ajuda a discernir enquanto sacerdote e enquanto pessoa. Na relação com os outros sacerdotes, esta partilha de conceitos e experiências é fulcral, por permitir ao sacerdote as ferramentas e os mecanismos para melhor viver e compreender a situação pastoral de cada um.

Em suma, a «partilha de vida em Presbitério, (...) deve assumir formas variadas»³⁷⁴. Sendo muito mais do que materialidade, é nessa condição que completa o presbitério pela criação de relação entre todos os homens e, neste caso, entre todo o clero.

O Magistério da Igreja insiste em «que os padres sejam preparados pedagógica, pastoral e espiritualmente para a fraternidade, vivendo o seu sacerdócio inseridos no presbitério diocesano, como espaço privilegiado do caminho da verdade e da vida, que o equilíbrio pessoal e o ministério apostólico implicam»³⁷⁵. Na verdade, o presbitério tem a missão de os acolher e de os enviar. E eles por sua vez têm a missão de transmitir aquilo que na verdade a Igreja ensina. É assim que todo o presbítero é enviado para ajudar o povo a ser cada vez mais Igreja mediante o exemplo do padre.

³⁷¹ J. ORTIGA, «Formação permanente: meios e formas», in *SdC1*, 307.

³⁷² J. GUARDA, «Chamados para chamar: a vida do padre e as vocações», in *SdC2*, 98.

³⁷³ *PDV*, 31.

³⁷⁴ M. FELÍCIO, «Motivações do “Estatuto do Clero” da diocese de Viseu», in *SdC2*, 223.

³⁷⁵ A. SANTOS, «Educação para a partilha. Fraternidades», in *Ibidem*, 230-231.

Relembramos aqui que na comunhão primitiva³⁷⁶ tudo era de todos, ressalvando que muito mais do que a colocação dos bens em comum, actualmente procuramos que a vida de cada presbítero seja um meio de relação e partilha não no sentido em que tudo é de todos, mas em que a relação é uma forma de estar que leva a um tipo de partilha em que cada um contribui com a sua parte para o bom funcionamento da comunidade, quer materialmente, quer espiritualmente.

Com efeito, a «vida partilhada esbate tensões, pode corrigir desvios e abrir um espaço de diálogo sobre o modo de viver a vida e de realizar o projecto pastoral»³⁷⁷. Por conseguinte, a «validade do testemunho de uma vida simples e partilhada é uma outra convicção subjacente à escolha de viver em equipa»³⁷⁸, uma vida em que se criam laços de amizade e de partilha que nem sempre são viáveis. Na realidade, para debelar essa contrariedade, torna-se necessário examinar cada sacerdote e aferir da sua compatibilidade com a situação em que ele vai viver e com a sociedade em que vai ser inserido.

Mas também fora das equipas pastorais há «partilha»³⁷⁹ e unidade, muito embora o ideal seja a plena partilha dentro das unidades pastorais. É verdade que a partilha é já uma realidade, mas seria mais frutífera se existisse dentro de todo o clero de forma idêntica, e assim conseguíssemos viver o ideal de vida em união.

Neste âmbito da partilha, outra questão fundamental é a das responsabilidades³⁸⁰, por se tratar de uma questão que exige uma maior acção pastoral na paróquia e consequentemente acção pastoral inter-paroquial. Na verdade, a procura de uma acção pastoral nestes termos deve-se ao facto de a Igreja caminhar cada vez mais unida entre si e em maior relação. Por isso, por vezes, a Igreja parece caminhar mais devagar, tentando sempre uniformizar a acção

³⁷⁶ Cf. *Ibidem*, 230-231.

³⁷⁷ I. SIMÕES, «Experiência de vida em equipa – Coimbra», in *SdC2*, 237-238.

³⁷⁸ *Ibidem*, 237-238.

³⁷⁹ *Ibidem*, 239.

³⁸⁰ Cf. M. MOURÃO, «Comunidade sacerdotal Sarnadelo – Cever», in *SdC2*, 241.

em cada paróquia. Todavia, com o passar do tempo, ela colherá da igualdade, e não da diferença, mais frutos e em maior abundância.

Do que vem sendo exposto, facilmente se percebe que a partilha leva ao «enriquecimento pessoal, sob o ponto de vista intelectual, pastoral e até espiritual, pela complementaridade de qualidades, partilha de iniciativas, vida em comum e mútua amizade»³⁸¹. Por isso, qualquer um dos simpósios «poderá e deverá levar a um estilo de vida partilhada e à experiência duma fraternidade autêntica»³⁸², numa linha de comunhão entre o clero, que existe como membro coeso da Igreja e que tem por missão orientar os fiéis.

Ainda neste tocante, a troca de sentimentos³⁸³ é outro elemento fundamental, pois ajuda os outros com quem estamos em relação a encontrarem novas formas de agir e novos caminhos perante as situações que vão encontrando nas suas vidas.

Deste modo, pode acontecer nas várias comunidades presbiterais o mesmo que na comunidade de Águeda, onde um padre afirma: «a experiência pastoral em todo o arciprestado em que nos inserimos (vinte paróquias) tem vindo, há já alguns anos, a ensaiar um esforço de trabalho concertado, partilhado e avaliado, com iniciativas que terão deixado algum rasto neste sentido»³⁸⁴. Trata-se de um rasto de ajuda e de partilha marcante entre todas as comunidades por as ajudar a crescer na linha da fé e na sua relação com Cristo e com Deus.

Assim sendo, todos os sacerdotes são convidados a partilhar «aquilo que é o mais importante na experiência de vida e de fé»³⁸⁵, para que de futuro consigamos crescer mutuamente na relação e nos ideais da Igreja.

³⁸¹ *Ibidem*, 243.

³⁸² J. ORTIGA, «Pórtico», in *SdC3*, 8.

³⁸³ Cf. A. VAZ, «No caminho dos discípulos de Emaús», in *SdC4*, 95.

³⁸⁴ J. CAMÕES, «Caminhos de comunhão eclesial», in *SdC5*, 188-189.

³⁸⁵ A. CENCINI, «Formação permanente: desafio e graça», in *SdC6*, 139.

3.4. Conselho Presbiteral

O conselho presbiteral nasceu da necessidade de responder às aspirações do nosso tempo³⁸⁶, tendo em conta as rápidas e profundas mudanças que se estenderam também à vida religiosa. É, por conseguinte, uma expressão da eclesiologia de comunhão³⁸⁷, porque cada presbítero necessita da vida comum dentro do presbitério e na sociedade para onde é enviado. Assim sendo, é importante que os presbíteros demonstrem uma vontade clara e expressa em todas as fontes³⁸⁸ cristãs, evitando, deste modo, a fuga aos princípios da Igreja. O presbítero que tem a função de representante de todo o Presbitério³⁸⁹ tem também a missão de levar a mensagem do consenso a que chegaram os membros do conselho, apresentando ainda o que foi debatido nos encontros a nível arciprestal. Por conseguinte, este conselho constitui um modo original de representação³⁹⁰, que transmite com rigor os princípios da Igreja, efectuando ainda pela consciência da representação de todo o presbitério³⁹¹ uma união do Cabido Catedralício com o conselho presbiteral³⁹², que é o Senado do bispo diocesano³⁹³, onde são dados a conhecer os principais projectos expostos no conselho.

A competência do conselho presbiteral é auxiliar o bispo no governo da diocese³⁹⁴. No conselho é efectiva a partilha de assuntos vários relativos à diocese pelo que, por vezes, o bispo não lida com todas as situações. Não obstante, deve inteirar-se de todos os assuntos e ajudar a dar resposta às carências das paróquias.

Na verdade, «exprimindo uma das visibilizações de sinodalidade na diocese, envolvendo o pastor e o presbitério, bispo e conselho presbiteral manifestam a comunhão de ministérios

³⁸⁶ Cf. J. VILAR, «Conselho presbiteral: espaço de co-responsabilidade e de comunhão colegial», in *SdC2*, 267.

³⁸⁷ Cf. *Ibidem*, 268.

³⁸⁸ Cf. *Ibidem*.

³⁸⁹ Cf. *Ibidem*, 270.

³⁹⁰ Cf. *Ibidem*, 271.

³⁹¹ Cf. *Ibidem*, 284.

³⁹² Cf. *Ibidem*, 274.

³⁹³ Cf. *Ibidem*, 277.

³⁹⁴ Cf. A. JANELA, «A participação e a co-responsabilidade», in *SdC5*, 161-162.

numa raiz sacramental»³⁹⁵, pois apenas dentro desta sacramentalidade pode o presbitério tomar decisões que ajudem as paróquias a crescer.

3.5. A excelência do ministério sacerdotal

Alfonso Crespo Hidalgo afirmou que os padres são co-bispos e co-presbíteros, o que leva a um exercício do ministério em vinculação com os presbíteros e em dependência dos bispos³⁹⁶. Cria-se, desta forma, uma união paroquial entre os presbíteros, entre as comunidades e entre os padres e o bispo. Esta união paroquial ou inter-paroquial radica no facto de o pároco precisar de se unir a outros presbíteros do seu presbitério para partilha de ideias e planos que deverá levar com eles ao seu bispo. De tal forma é importante que haja uma boa relação do bispo com os padres da diocese, que existe um padre com a função de mediador entre essas duas instâncias: o arcipreste.

D. Jorge Ortiga incentiva a que:

«Os mais idosos recebam os mais novos como irmãos e ajudem-nos nos seus primeiros empreendimentos e encargos do ministério; esforcem-se por compreender a sua mentalidade, embora diferente, e ajudem com benevolência as suas iniciativas. Do mesmo modo, os jovens reverenciem a idade e experiência dos mais velhos aconselhem-se com eles nas questões referentes à cura de almas, e colaborem de bom grado»³⁹⁷.

Este tipo de relação conduz necessariamente à comunhão presbiteral e a uma unidade paroquial sob a orientação de um pároco e dos padres com quem aquele partilha. Mais, esta relação leva a uma unidade pastoral que faz com que as paróquias não sejam apenas da responsabilidade de um mas de ambos, que dessa forma têm a missão de fomentar a relação das diversas paróquias, em ordem à sua evolução com objectivos numa mesma linha, ou

³⁹⁵ A. SOARES, *A comunhão hierárquica da Igreja*, investigação teológico-canónica, Biblioteca humanística e teológica, Porto, 1992, 297.

³⁹⁶ Cf. J. URIARTE, *Sacerdotes para la nueva evangelización. Retos sociales y eclesiales a la formación presbiteral*, 29.

³⁹⁷ J. ORTIGA e A. BRITO, «Formação permanente: meios e formas», in *SdCI*, 307.

orientação, embora cada um possa trabalhar em linhas diferentes, se tiver por base o mesmo fim que é o crescimento da fé entre os fiéis.

Esta unidade de um sacerdote a outro sacerdote da mesma forma como está unido a Cristo conduz a um entendimento em que «a relação é um sublinhado importante na construção do Corpo de Cristo»³⁹⁸.

3.6. O padre do futuro

Então, «um novo estilo de padre começa a desenhar-se. A partir da história, poderemos olhar o mundo do presente sem fixismo, mas com o realismo necessário... Como chamarão no próximo século ao padre pós-conciliar?»³⁹⁹. Trata-se, com efeito, de uma questão complexa de responder, especialmente porque «depende da nova vida e da nova reflexão. Será o padre diocesano pela valorização da Igreja local? Será o padre missionário dada a largueza do mundo a evangelizar? Será o padre evangelizador? Será o padre social ou o padre espiritual? Será o padre próximo do mundo?»⁴⁰⁰. Estas são questões que se vão levantando ao longo dos tempos, e que deverão nortear o padre do futuro na busca do rumo para a sua vida que deverá pautar-se por uma acção em conformidade com a sociedade em que se encontra.

Saturnino Gamarra contribuiu para este debate quando apresentou acerca da situação sacerdotal as seguintes questões: «que está supondo a questão social e eclesial ao sacerdote na sua actividade apostólica e na sua vida pessoal? Que novas preocupações tem hoje o sacerdote? Que novas perguntas são formuladas?»⁴⁰¹. Apesar de na sua origem permanecerem em aberto, apresentaremos de seguida algumas propostas que podem contribuir para uma resposta mais concisa e simultaneamente para um caminho de orientação do sacerdote, o qual

³⁹⁸ C. AZEVEDO, «Os estilos de vida do padre ao ritmo das mudanças culturais: dimensão histórica», in *SdC2*, 37.

³⁹⁹ *Ibidem*, 38.

⁴⁰⁰ *Ibidem*.

⁴⁰¹ S. GAMARRA, «El presbítero en las tensiones del mundo contemporaneo», in *SdC2*, 49.

inserido na sociedade, vive para ela, com ela e nela, abraçando este ideal da comunhão presbiteral, de tal modo que age em conformidade com esta forma de vida e dentro desta comunhão.

Assim sendo, «a posição do presbítero no mundo deve caracterizar-se por uma consciência muito viva de que tem algo a contribuir para o homem de hoje, que é muito valioso»⁴⁰². É por esta consciência que o sacerdote cresce na partilha com os paroquianos, evitando naturalmente o isolamento.

Na verdade, o sacerdote existe não apenas para si, mas acima de tudo para o seu próximo e em relação. Neste sentido, «o presbítero na sua relação com o presbitério deve integrar a natureza sacramental»⁴⁰³ deste e caminhar rumo a um presbitério unido. Só assim poderá o presbítero viver em unidade com todo o presbitério. A comunhão presbiteral manifesta-se, então, na importante unidade de dois ou mais párocos numa casa e na não menos importante unidade de todo o presbitério entre si, quer por zonas pastorais quer por dioceses.

3.7. Alguns perigos

Nos dias de hoje, alguns perigos ameaçam a vida do presbítero, dos quais salientamos: o «perigo da teimosia, do carácter autoritário e do isolamento, tanto do povo como do bispo»⁴⁰⁴. Estes perigos podem afectar o padre, tornando-o um ser soberano para quem os outros não têm valor. Esta é uma conduta negativa, já que pode ocasionar que o padre relegue para segundo plano as necessidades do povo. No entanto, esta forma de vida pode e deve ser combatida através da comunhão presbiteral, pois nela se encontram sublimadas a partilha e a vida em comum. Além disso, a comunhão presbiteral é uma revelação da unidade do presbitério e do presbitério com Cristo. É neste sentido que frequentemente se afirma que o sacerdote precisa

⁴⁰² *Ibidem*, 53.

⁴⁰³ *PDV*, 74.

⁴⁰⁴ M. SILVA, «Santidade de vida e ministério sacerdotal», in *SdC2*, 120-121.

de viver em e com Cristo a afinidade que tem com a Igreja em que se encontra inserido. Ao viver em relação com a Igreja, o sacerdote vive a plenitude do amor com os outros na comunhão.

Outro aspecto a salientar é a «crise da oração no mundo secularizado»⁴⁰⁵. Esta pode levar o sacerdote a deixar de rezar pelos muitos afazeres que a paróquia, um serviço «por amor»⁴⁰⁶, lhe possa exigir e, conseqüentemente, a uma fuga à «comunhão colegial»⁴⁰⁷ e a um afastamento do presbitério. A falta do «silêncio orante e fecundo»⁴⁰⁸ é outro aspecto que pode conduzir a uma vivência num mundo de barulho e não de reflexão onde a meditação que é tão importante para si e para os outros a quem ele anuncia a Palavra de Deus pode ser difícil de realizar. Finalmente, o perigo de não «reavivar o dom»⁴⁰⁹ sacerdotal que habita em cada sacerdote com a missão de evangelizar a(s) comunidade(s) para onde foi enviado pode ser uma realidade se o sacerdote se deixar embrenhar demasiado pelos afazeres e solicitações várias do seu ministério.

3.8. A que deve levar esta comunhão?

A comunhão presbiteral requer a fomentação e multiplicação de unidades pastorais que sejam capazes de:

«Dar rosto eclesial visível à acção da Igreja num território, por vezes demasiadamente clericalizada;

Programar a acção pastoral para além dos limites reduzidos da paróquia, de modo a que ela se realize de modo orgânico e em conjunto na resposta às situações existentes e às iniciativas a promover;

⁴⁰⁵ C. AZEVEDO, «Crise da oração no mundo secularizado», in *SdC4*, 7-23.

⁴⁰⁶ J. CASTELLANO, «En la persona de Cristo, Siervos por amor», in *SdC3*, 63-83.

⁴⁰⁷ J. VILAR, «Conselho presbiteral: espaço de co-responsabilidade e de comunhão colegial», in *SdC2*, 267-291.

⁴⁰⁸ M. DOMINGOS, «Elogio do silêncio orante e fecundo», in *SdC4*, 217-226.

⁴⁰⁹ J. ORTIGA, «Tarefa permanente: reavivar o dom», in *SdC6*, 27-32.

Racionalizar e rentabilizar os recursos existentes e fazendo deles o melhor aproveitamento, de harmonia com os carismas próprios de cada um (clero, consagrados, leigos... pessoas ou instituições eclesiais).

Sublinhar o valor da diferença dos responsáveis com a complementaridade na acção pastoral»⁴¹⁰.

Assim se constrói a unidade presbiteral e, conseqüentemente, uma vida em presbitério mais fortalecida. Saliente-se ainda que a unidade de diversos presbíteros numa mesma residência fomenta a unidade da comunidade, bem como a unidade entre as diversas paróquias que têm como mediadores o pároco e o co-pároco. Desta forma, deixará de haver a necessidade de o pároco estar em todas as reuniões dos grupos paroquiais das várias paróquias, por exemplo.

Ao fazer com que as suas paróquias passem a viver em unidade e partilha de planos pastorais, o pároco põe em prática a unidade referida anteriormente, pois centraliza-as sem as fundir numa só. Por esse motivo, deverá ser capaz de fazer com que as paróquias trabalhem autonomamente unidas nos seus objectivos.

3.9. O que falta para que isto possa acontecer mais frequentemente?

Porque vive da obediência, o sacerdote coloca-se ao serviço da comunidade e do seu bispo, a quem se submete para cumprir o já referido dever⁴¹¹. Recorde-se que no momento da ordenação, quando o bispo pergunta ao sacerdote se ele lhe promete reverência e obediência, ele responde afirmativamente, provando que está disposto a colocar-se ao serviço e necessidades da diocese.

Na verdade, o sacerdote «deve amadurecer na consciência da comunhão que subsiste entre as várias Igrejas particulares»⁴¹², «uma comunhão radicada no seu próprio ser de Igrejas que

⁴¹⁰ AA. VV., «Caminhos de comunhão eclesial», in *SdC5*, 187-188.

⁴¹¹ Cf. M. SILVA, «Santidade de vida e ministério sacerdotal», in *SdC2*, 126.

⁴¹² *PDV*, 74.

vivem *in loco* à Igreja única e universal de Cristo»⁴¹³. Este é o caminho a seguir para uma maior unidade das Igrejas particulares, ou seja das Igrejas diocesanas, as quais vivem da unidade e da partilha que forem capazes de implementar entre si. «Esta consciência de comunhão inter-ecclesial favorecerá o “intercâmbio de dons” a começar pelos dons vivos e pessoais que são os próprios sacerdotes»⁴¹⁴. Ao ir para além da Igreja diocesana, esta comunhão terá maiores vantagens, nomeadamente na partilha de ideias e soluções entre paróquias e dioceses. É, portanto, através desta partilha, que as Igrejas particulares caminharão numa maior relação entre si e não apenas na relação com o presbitério diocesano.

Além de ser pautada pela partilha, a vida do sacerdote deve ser exemplo de pobreza e de simplicidade. Que o sacerdote na sua vida possa colaborar com os seus paroquianos, agindo em conformidade com estas características.

Além dos requisitos já referidos, é necessária da parte do padre abertura à inovação que permite ao sacerdote crescer, transformar-se e acolher com amor aquilo que lhe é dado pela comunidade e pela vida. Note-se, porém, que a inovação deve vir juntamente com a criatividade, acima de tudo do Espírito⁴¹⁵. Pelo Espírito, deve o sacerdote reconhecer a presença de Deus entre os homens e a sua acção entre todos.

«Os presbíteros como *coetus diocesanus*, cujos membros representam todo o presbitério, devem ser sempre ouvidos para o governo da diocese»⁴¹⁶, uma vez que eles são quem contacta mais directamente com a realidade paroquial. O conhecimento do bispo é de outra natureza. Aquele que passa em visita pastoral toma conhecimento da situação em que as paróquias se encontram e procura ajudá-las a crescer por intermédio do presbítero que é seu coadjutor na relação com a paróquia.

⁴¹³ *Ibidem*.

⁴¹⁴ *Ibidem*.

⁴¹⁵ Cf. M. FIGUEIRAL, «A participação e a co-responsabilidade», in *SdC5*, 145.

⁴¹⁶ A. JANELA, «A participação e a co-responsabilidade», in *Ibidem*, 160.

Nesse sentido, a *Novo Millennio Inneunte* salienta a necessidade de haver uma promoção dos organismos pastorais, em ordem à melhoria das paróquias, pela intervenção do conselho pastoral na vida da paróquia⁴¹⁷. Escusado será dizer que sem esta relação de proximidade entre o pároco e o conselho, será mais difícil implementar a mudança e por consequência as melhorias. Daí a importância de promover o conselho como auxiliador do crescimento pastoral que permite fazer de qualquer paróquia um meio de crescimento.

Em conclusão, os conselhos pastorais procuram o desenvolvimento das paróquias e a comunhão entre as pessoas. Ao fomentar a unidade de várias paróquias, o pároco concerta-se com o conselho, o que possibilita uma maior relação e partilha e consequente desenvolvimento entre paróquias. Esta acção concertada deve ser tida em conta já que permite ao pároco fazer frente às diversas dificuldades da paróquia. É neste sentido que consideramos que os padres «são espelho da pluralidade de vozes que vão desvelando e revelando a Palavra para cada circunstância e lugar»⁴¹⁸.

Outra foi a questão colocada por Helena Rebelo Pinto, a saber: «a educação dos valores como um desafio fundamental na transição do milénio»⁴¹⁹. Na verdade, também a educação traduz uma forte necessidade de mudança exigida pelo nosso tempo. Mas se por um lado, a mudança da sociedade acontece por si, por outro, a mudança do presbítero necessita de ser construída e incluir em si mais e melhores valores.

Em suma, o padre é responsável por encaminhar a paróquia até Cristo na sua fé e ainda por procurar uma maior partilha das tarefas entre os paroquianos, que resulte na união pastoral e no crescimento na relação uns com os outros e mesmo entre as diversas paróquias.

⁴¹⁷ Cf. M. CLEMENTE, «Caminhos de comunhão eclesial», in *Ibidem*, 174.

⁴¹⁸ M. FIGUEIRAL, «A participação e a co-responsabilidade», in *Ibidem*, 144.

⁴¹⁹ H. PINTO, «Viver no novo milénio: desafios e propostas», in *SdC3*, 100.

3.10. Será possível uma comunidade presbiteral mais unida?

Ao viverem em comunhão presbiteral, os sacerdotes estarão mais disponíveis para se ajudarem e partilharem novas propostas e novos caminhos para os fiéis que os procuram. Assim sendo, a necessidade de viverem em comunhão entre si deixa de ser uma exigência para ser uma condição. Por outro lado, esta forma de vida em comunhão ajuda-os a procurar uma vida de amor e de relação com o próximo, sem a qual o sacerdote ficaria isolado e afastado das propostas dos simpósios do clero.

Quando vive em comunidade, o presbítero procura o mistério, a comunhão e a missão⁴²⁰, de forma a viver em relação e partilha com o outro que é o seu auxílio nas adversidades e nos bons momentos. Na verdade, na relação com o outro, também ele cresce na relação para com os paroquianos. Assim sendo, porque não uma vida em unidades pastorais, onde haja um coordenador num grupo de padres que vivam numa união de paróquias e divisão de tarefas? Uma organização que poderá levar a um caminho mais próspero de comunhão presbiteral e mesmo unidade de todo o presbitério na missão que lhe é confiada pelo bispo.

No ministério sacerdotal, os sacerdotes são chamados a servir a Igreja, um serviço que é exercido em função das capacidades de cada um. Na verdade, cada um tem uma missão perante a comunidade em que vive. Além de necessária para cada homem, esta missão é uma obrigação que o sacerdote tem para com os outros que o rodeiam. É através dela e por causa dela que o sacerdote se encaminha para a comunhão eclesial e presbiteral.

Vivendo em comunhão presbiteral, o sacerdote participa na comunhão eclesial, sendo um exemplo para todos os sacerdotes e para a sociedade. Quanto mais for capaz de entrar em comunhão com os outros sacerdotes, maior facilidade terá de entrar em comunhão com a comunidade em que vive.

⁴²⁰ Cf. J. ORTIGA, «Pórtico», in *Ibidem*, 7.

Note-se, finalmente, que em 1Pe 5,1-3 procura-se que os padres vivam em união com o seu povo, o que significa que desde sempre a comunhão presbiteral é positiva, favorecendo até a transmissão da mensagem de Deus a todos os fiéis.

3.11. Conclusões

Finalmente, devem salientar-se como aspectos muito positivos da comunhão presbiteral a partilha e o convívio. Na verdade, apesar de ser necessário algum tempo para estarem sós, para poderem rezar e compreender melhor o caminho a percorrer, os padres têm muito a beneficiar da comunhão com outros padres, bem como com o bispo e com o Papa. Esta vivência ajuda os padres a libertarem-se da sua antiga forma de vida, tornando-se doravante disponíveis para se dedicarem ao amor ao próximo. Comunhão e partilha favorecem a criação de um ritmo de vida caracterizado pela organização e coordenação de uma multiplicidade de afazeres e actividades, o que por sua vez conduz a uma participação mais activa dos párocos nas actividades diocesanas, bem como nas reuniões do clero.

A partilha pode ser material e espiritual. Contudo, na nossa abordagem tratámos da partilha material. Não obstante a partilha espiritual ser de grande importância, cingir-nos-emos, neste ponto, à questão da partilha material. A partilha de bens, por exemplo, permite uma distribuição mais equitativa dos mesmos, de tal forma que eles vivam sem que nada lhes falte. Note-se, todavia, o carácter fundamental da partilha espiritual, como meio de ajuda a cada sacerdote na sua relação com Deus e com o próximo.

Para os mesmos efeitos, existe também o conselho presbiteral que visa uma eclesiologia de comunhão entre todo o clero, aí representado por um membro de cada arciprestado. O objectivo deste conselho é conhecer toda a realidade presbiteral e traçar objectivos de unidade entre todos os padres.

Quanto à excelência do ministério sacerdotal, verificamos que há a necessidade de os padres se unirem entre eles e com o seu bispo, para dessa forma gerarem maior consenso e construïrem um caminho mais similar embora necessariamente diferenciado, entre as paróquias e a diocese.

Por conseguinte, o padre do futuro deverá ser polivalente e multifacetado: diocesano, missionário, evangelizador, social, espiritual, próximo do mundo, se quiser acompanhar a sociedade para onde foi enviado.

Neste tocante, abordámos ainda alguns perigos que devem ser tidos em conta, tais como: o «perigo da teimosia, do carácter autoritário e do isolamento, tanto do povo como do bispo»⁴²¹. Salientamos ainda a crise da oração no mundo secularizado, a fuga à comunhão colegial que aquela pode desencadear, o não servir por amor, a falta do silêncio orante e fecundo num mundo de barulho e o perigo maior do difícil reavivar do dom sacerdotal nestas circunstâncias.

Um aspecto positivo resultante desta comunhão é, todavia, a criação de unidades pastorais e unidades inter-paroquiais que promovem o crescimento e desenvolvimento das paróquias através do trabalho em conjunto.

Como penúltimo ponto da nossa abordagem deste tema focámos o que falta para que isto possa acontecer. Neste campo, centrámo-nos na promessa de reverência e obediência do ordinando ao bispo como factor de comunhão. Saliente-se ainda que a obrigatoriedade não incide sobre a coabitação, mas na ajuda e partilha de dificuldades entre os que vivem na mesma casa. Em seguida, abordámos a relação entre a Igreja nacional e a Igreja diocesana. A este nível, cabe ao presbítero informar o bispo da realidade e necessidades da paróquia para onde foi enviado, para que o bispo possa ajudar a resolver o que não está ao alcance do padre.

Para terminar, perguntámos: Será possível uma comunidade presbiteral mais unida? A resposta é afirmativa, mas para que tal aconteça é necessário que os sacerdotes vivam à luz do

⁴²¹ M. SILVA, «Santidade de vida e ministério sacerdotal», in *Ibidem*, 120-121.

ideal de presbitério que Pedro nos apresenta em 1Pe 5,1-3, quando pede que apascentem o rebanho seguindo o exemplo que Cristo nos dá em Mc 6, 7, ao enviar os discípulos dois a dois para ensinar. Os discípulos não vão sozinhos, logo, este modo de vida em comum é modelar para alcançarmos os frutos necessários para o crescimento do Reino.

CONCLUSÃO FINAL

Da investigação levada a cabo, e após uma exposição dos assuntos tratados em cada simpósio, procedemos nesta exposição a uma apresentação sobre a temática em causa, tendo em conta a diversidade de conferencistas, as temáticas de cada simpósio e os temas apresentados por cada um deles.

No primeiro capítulo, referente à comunhão presbiteral, elencámos os contextos, os conferencistas e as formas em que esta temática foi abordada. Este capítulo é de situação do tema, o que nos facilitou em muito a organização desta investigação. Esperamos, por isso, que esta parte do trabalho possa ajudar outros em futuras investigações. Ainda neste primeiro capítulo, esclarecemos o que são os simpósios e com que finalidade e em que contexto surgiram.

No segundo capítulo, passámos a uma abordagem mais teológica do tema, segundo os aspectos que nos pareceram fundamentais para ajudar os padres a caminharem para uma comunhão presbiteral mais perfeita, a exemplo do que Cristo fez com os discípulos quando os enviou dois a dois a pregar a sua Palavra.

Como primeiro ponto, salientámos a relação entre a Santíssima Trindade e a unidade presbiteral. Que os padres vejam n'Ela um modelo de comunhão que os ajude a viver nesta forma de vida de relação na caridade.

Quanto à vida sacerdotal, verificámos que o sacerdote vem para servir enquanto homem de missão. Nesta aceção, servir é ajudar outros a viver em comunhão. No entanto, para isso é necessário que também o sacerdote viva em comum com outros e de modo especial em comum com o presbitério a que pertence.

Quanto à eucaristia, observámos que é o ponto de união que alimenta a comunhão de toda a comunidade e de todo o clero, pois quando um padre celebra, todos os padres celebram e a

ele todos os cristãos se unem. Além desta unidade, há a unidade do presbitério que é constituída por sacerdotes com as mesmas vivências e desafios.

Relativamente à colegialidade de que vive o sacerdócio, foi sublinhado que dada a natureza do ministério, não se trata de um espírito de classes. Na realidade, o que existe entre os padres e os bispos é unidade e comunhão.

Mas estas características não são exclusivas do clero. A este respeito, perguntámos: “A relação com os fiéis fortalecerá a experiência e a beleza evangélica da comunhão entre os presbíteros?” Em resposta, tivemos a oportunidade de verificar que, ao entregarem tarefas aos paroquianos, os párocos beneficiam de mais tempo para estarem com a comunidade e com outros sacerdotes, ganhando nesse aspecto o pároco na relação com todo o presbitério e com a pastoral diocesana e arciprestal.

A formação nos seminários também foi abordada nas suas quatro vertentes fundamentais: a humana, a intelectual, a espiritual e a pastoral. Entre estas vertentes avultam vários aspectos fundamentais, como o trabalho em equipa, as equipas existentes no seminário e o trabalho na paróquia e ainda o estudo/formação intelectual e a oração. Todas estas dimensões são de grande importância para a formação no seminário e na vida de cada cristão e de cada padre ao longo da sua caminhada, a quem a sociedade exige cultura, acção e criatividade em consonância com o mundo em que vive.

Sublinhe-se, por outro lado, o presbitério como fonte de comunhão. O presbitério enquanto fonte de comunhão tem a missão de ajudar todos os padres a viverem em comum e de os ajudar no caminho a que se comprometeram. Já o conselho presbiteral tem uma missão activa no governo da diocese.

No terceiro capítulo, desenvolvemos uma abordagem de carácter pastoral da temática em estudo e lançámos propostas para uma vivência em comum de todos os padres e das diversas comunidades.

Neste âmbito, como primeiro ponto perguntámos: Que futuro para a comunhão presbiteral? Não se pretende aqui deitar por terra o que já existe, mas lançar perspectivas que possam criar debate e ajudar a chegar a um consenso nesta matéria. Nesse sentido, a introdução deste capítulo lança algumas perspectivas fundamentais acerca desta matéria. Foram dados exemplos de comunidades presbiterais, por meio de testemunhos que ajudam a reflectir acerca das vantagens e desvantagens deste tipo de vida. Optámos por não apresentar os textos na íntegra devido à sua extensão.

Relativamente à vida em comum, é de salientar que esta leva à unidade e comunhão entre os sacerdotes.

Nesse sentido, desenvolvemos também a partilha (espiritual e de bens) entre todos os sacerdotes da diocese e do arciprestado e ressaltámos que se trata de meios eficazes de combate das dificuldades de alguns sacerdotes.

Aludimos ainda ao conselho presbiteral, um organismo que tem por missão ajudar o bispo no governo e na unidade de toda a diocese.

A excelência do ministério sacerdotal, que remonta ao início da Igreja, só pode ser compreendida no viver em comum e na cultura da partilha. Os sacerdotes mais velhos devem partilhar com os mais novos a verdade do seu caminho, ensinando-os a fazer estrada e a crescer. Os sacerdotes mais novos, por sua vez, devem partilhar com os mais velhos as suas ideias. São estes os desafios que podem fazer crescer a comunidade do sacerdote mais velho, por exemplo.

Sublinhou-se ainda que o padre do futuro necessita de estar cada vez mais em contacto com a realidade, pois caso não esteja, não compreenderá o modo de vida da sociedade actual e não conseguirá acompanhá-la.

Notámos ainda que podem aparecer na vida do padre perigos como a teimosia, o carácter autoritário e o isolamento. Estes flagelos devem ser levados em conta e debelados por poderem levar o sacerdote a afastar-se das pessoas e a centrar-se em si, esquecendo a comunidade.

Outro aspecto descrito foi a prática da comunhão na vida em comum como garante da perfeita união presbiteral. Por ter como fim a perfeição, esta união é um caminho constantemente percorrido e por percorrer. Seja porque a obediência nem sempre é fácil nem total; seja porque a partilha de ideias entre os párocos de cada diocese e entre as pessoas é frequentemente um caminho por vezes difícil ao nível sacerdotal e paroquial; seja porque a pobreza e a simplicidade nem sempre são aceites e a lei do amor e da dádiva aos outros não seja universal; seja porque a abertura à inovação nem sempre é vista com bons olhos, entre outros factores. A estas dificuldades responde a partilha entre os padres que leva a um maior conhecimento da realidade diocesana com a promoção de organismos pastorais que conduz a um caminho mais uniforme entre as diversas paróquias e entre o clero e a necessidade de mudança do presbítero e da sociedade, para que ambos façam o seu caminho em conjunto.

Finalmente, sublinhámos uma questão que considerámos pertinente: Será possível uma comunidade presbiteral mais unida? A resposta é afirmativa e depende directamente do quanto os sacerdotes se unirem e caminharem lado a lado para em conjunto trabalharem e ajudarem a chegar a este Deus sempre disponível para os receber de braços abertos.

Bibliografia

1. Fontes

1.1. Actas dos simpósios do clero

COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES (ed.), *Padres para este tempo, I Simpósio do Clero de Portugal*, Fátima, 6 a 10 de Setembro de 1993, *Actas*, Porto, 1994.

COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES (ed.), *Estilo de vida do padre, problemas e apelos, II Simpósio do Clero de Portugal*, Fátima 2 a 6 de Setembro de 1996, *Actas*, Porto, 1996.

COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES (ed.), *Padres para um novo milénio, III Simpósio do Clero de Portugal*, Fátima, 30 de Agosto a 3 de Setembro de 1999, *Actas*, Viana do Castelo, 2000.

COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES (ed.), *A oração na vida e o ministério do sacerdote, IV Simpósio do Clero de Portugal*, Fátima, 2 a 6 de Setembro de 2002, *Actas*, Águeda, 2004.

COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES (ed.), *Presbitério em comunhão ao serviço da comunhão eclesial, V Simpósio do Clero de Portugal*, Fátima, 5 a 8 de Setembro de 2006, *Actas*, Prior Velho, 2007.

COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES (ed.), *Reaviva o dom que há em ti, VI Simpósio do Clero de Portugal*, Fátima 1 a 4 de Setembro de 2009, *Actas*, Prior Velho, 2009.

1.2. Documentos do Magistério

Catecismo da Igreja Católica, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1997.

COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO, *Normas fundamentais para a formação sacerdotal nas dioceses portuguesas e plano de estudos para o seminário maior*, Secretariado-geral do episcopado, Lisboa, 1992.

JOANNES PAULUS PP. II, *Adhortatio apostolica post synodum episcoporum edita «Reconciliatio et paenitentia»* (4 mensis Martii 1985), in *AAS* 77 (1985) 185-275.

JOANNES PAULUS PP. II, *Adhortatio apostolica postsynodalis «Pastores dabo vobis»* (25 mensis Augusti 1992), in *AAS* 84 (1992) 657-804.

JOANNES PAULUS PP. II, *Esortazione apostolica post-sinodal Christifideles Laici* (30 mensis decembris 1988), in *AAS* 81 (1989), 393-521.

JOANNES PAULUS PP. II, *Esortazione apostolica post-sinodal Pastores Gregis* (16 mensis octobris 2003), in *AAS* 96 (2004) 825-924.

PAULUS PP. VI, *Litterae encyclicae «Ecclesiam Suam»* (20 mensis Augusti 1964), in *AAS* 56 (1964) 609-659.

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Constitutio de sacra liturgia* (15 mensis Februarii 1964), in *AAS* 56 (1964) 97-144. II CONCÍLIO DO VATICANO, *Constituição Sacrosanctum Concilium*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1998.

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Constitutio dogmatica de ecclesia* (30 mensis Januarii 1965), in *AAS* 57 (1965) 5-71. II CONCÍLIO DO VATICANO, *Constituição Lumen gentium*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1998.

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Decretum de activitate missionali ecclesiae* (30 mensis Novembris 1966), in *AAS* 58 (1966) 947-990. II CONCÍLIO DO VATICANO, *Decreto Ad gentes*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1998.

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Decretum de pastoralis episcoporum munere in ecclesia* (8 mensis Octobris 1966), in AAS 58 (1966) 673-701. II CONCÍLIO DO VATICANO, Decreto *Christus dominus*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1998.

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Decretum de presbyterorum ministerio et vita* (30 mensis novembris 1966), in AAS 58 (1966) 991-1024. II CONCÍLIO DO VATICANO, Decreto *Presbyterorum ordinis*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1998.

1.3. Outras fontes

BARDY, Gustave, «Le sacerdoce chrétien selon les Pères alexandrins», in *La vie spirituelle*, Supplément 53 (1937) 144-173.

Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica, Franciscanos Capuchinhos, Lisboa-Fátima, 2002.

BLONDEL, David, *Apologia pro sententia Hieronymi de episcopis et presbyteris*, Apud Ioannem Blaeu, Amsterdam, 1646.

BOTTE, Bernard, «Caractère collégial du presbyterat et de l'épiscopat», in *Etudes sur le sacrement de l'ordre (Lex orandi 22)*, Paris (1957) 97-124.

BOTTE, Bernard, «Presbyterium et ordo episcoporum», in *Irenikon* 23 (1956) 5-27.

CAPRILE, Giovanni, "Un dono del papa ai sacerdoti. L'esortazione apostolica post sinodale «Pastores dabo vobis»", in *La Civiltà Cattolica* 143 (1992) 284-292.

CAPRIOLI, Mario, *Il sacerdozio, Teologia e spiritualità*, Teresianum, Roma, 1992.

COLSON, Jean, «Le presbyterium ou l'unité de la fonction sacerdotale», in *La Vie spirituelle* 118 (1968) 319-343.

- COLSON, Jean, *Les fonctions ecclesiales aux deux premiers siècles*, Desclée de Brouwer, Paris, 1956.
- DE SMEDT, Charles, «L'organisation des Eglises chrétiennes jusqu'au milieu du III^e siècle», in *Revue des questions historiques* 44 (1888), 329-384.
- DE SMEDT, Charles, «L'organisation des Eglises chrétiennes jusqu'au milieu du III^e siècle», in *Revue des questions historiques* 50 (1891), 397-429.
- DIANICH, Severino, *Teología del ministerio ordenato: una interpretación eclesiológica*, Paulinas, Madrid, 1988.
- FAVALE, Agostino, «Orientamento bibliografico», in. A. FAVALE, G. GOZZELINO, *II ministero presbiterale*, Elledici, Torino, 1972, 265-280.
- FAVALE, Agostino, *I presbiteri. Identità, missione, spiritualità e formazione permanente*, Elledici, Torino, 1999.
- FAVALE, Agostino, *II ministero presbiterale: Aspetti dottrinali, pastorali, spirituali*, Las, Roma, 1989.
- FORTE, Bruno, *Sobre o sacerdócio ministerial: duas meditações teológicas*, Paulistas, Lisboa, 1993.
- FORTE, Bruno, *Sobre o sacerdócio ministerial: duas meditações teológicas*, Paulistas, Lisboa, 1993.
- GRESHAKE, Gisbert, *Essere preti in questo tempo. Teologia — Prassi pastorale — Spiritualità*, Queriniana, Brescia, 2008.
- GRÜN, Anselm, *El orden sacerdotal, vida sacerdotal*, San Pablo, Madrid, 2002.
- HARING, Bernhard, *A lei de Cristo, teologia moral para sacerdotes e leigos. Teologia moral especial, a vida em comunhão com Deus*, tomo 2, Herder, São Paulo, 1960.
- LIMA, José, *Teologia prática fundamental, Fazei vós, também*, UCP, Lisboa, 2009.

- URIARTE, Juan María, *Sacerdotes para la nueva evangelización. Retos sociales y eclesiales a la formación presbiteral*, Edice, Madrid, 1991.
- MAGGIOLINI, Alessandro – CAELLI, Andrea, *L'unità del presbiterio. Una spiritualità di comunione per il clero*, Città Nuova, Roma, 2000.
- QUASTEN, Joannes, *Initiation aux Pères de l'Eglise*, volume 1, Cerf, Paris, 1955.
- RAMBALDI, Giuseppe, "Fraternitas sacramentalis et presbyterium in decreto «Presbyterorum Ordinis», n° 8", in *Periodica* 57 (1968) 331-350.
- RATZINGER, Joseph, *Caminhar juntos na fé, A Igreja como «comunhão»*, AO, Braga, 2005.
- RATZINGER, Joseph, *Convocados en el camino de la fe, la Iglesia como comunión*, Cristiandade, Madrid, 2004.
- SOARES, Alfredo Leite, *A comunhão na constituição hierárquica da Igreja: investigação teológico-canónica*, Universidade Católica Portuguesa - Fundação Eng. António de Almeida, Porto, 1992.
- TEPE, Valfredo, *Presbítero hoje*, Vozes, Petrópolis, 1994.
- THOMASSIN, Louis, *Ancienne et nouvelle discipline de l'Eglise*, volume 3, Bar-le-duc, L. Guerin & C^{ie}, Paris, 1725.
- VALSECHI, Ademar, «Saggio bibliografico sul Sacerdozio», in *Presenza Pastorale* 7-8 (1969) 814-820.
- VILELA, Albano «La condition collégiale des prêtres au III^e siècle». Recensão de: HADOT, Jean, in *Archives des sciences sociales des religions* 37 (1974) 265-266.
- VILELA, Albano, «O presbítero diocesano à luz do concílio», in *Lumen* 31 (1967) 165-177.
- WILLIAMS, George Huntston, «The Ministry of the Ante-Nicene Church (c. 125-325)», in *The Ministry in Historical Perspectives*, par H. R. NIERBUHR et D. D. WILLIAMS, New York (1956) 27-59.

CONGAR, Yves, «Le sacerdoce du Nouveau Testament, Mission et culte.», in *Les prêtres. Formation, ministère et vie*, Cerf, Paris, 233-256.

Índice

Tábua de abreviaturas	3
Introdução.....	4
1. CAPÍTULO I - SIMPÓSIOS E VIDA COMUNITÁRIA	7
1.1. Contexto.....	7
1.2. Apresentação dos simpósios e respectivas dinâmicas	8
1.2.1. Primeiro simpósio do clero	9
1.2.2. Segundo simpósio do clero	11
1.2.3. Terceiro simpósio do clero	15
1.2.4. Quarto simpósio do clero.....	16
1.2.5. Quinto simpósio do clero.....	18
1.2.6. Sexto simpósio do clero.....	20
1.3. <i>A vida em comum</i> em cada simpósio	21
1.3.1. Padres para este tempo	22
1.3.2. O estilo de vida do padre, problemas e apelos	24
1.3.3. Padres para um novo milénio.....	28
1.3.4. A oração na vida e o ministério do sacerdote	31
1.3.5. Presbitério em comunhão ao serviço da comunhão eclesial.....	32
1.3.6. Reaviva o dom que há em ti.....	36
2. FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS QUE PRESIDEM À COMUNHÃO PRESBITERAL	38
2.1. Relação entre a Santíssima Trindade e a unidade presbiteral	38
2.2. A vida sacerdotal na plenitude do amor e do serviço.....	41
2.3. A eucaristia, fonte de alimentação da comunhão	43
2.4. A colegialidade, não espírito de classe	46
2.5. A relação com os fiéis e a experiência evangélica da comunhão entre os presbíteros	49
2.6. Formação nos Seminários para a comunhão presbiteral	50
2.7. O presbitério como fonte de comunhão e o conselho presbiteral	53
2.8. Conclusões	54
3. PERSPECTIVAS PARA UMA PASTORAL FUTURA NA COMUNHÃO PRESBITERAL	57
3.1. Que futuro para a comunhão presbiteral?	57
3.2. A vida em comum	60
3.3. A partilha de bens materiais e espirituais	61
3.4. Conselho Presbiteral.....	66
3.5. A excelência do ministério sacerdotal	67
3.6. O padre do futuro	68

3.7.	Alguns perigos	69
3.8.	A que deve levar esta comunhão?	70
3.9.	O que falta para que isto possa acontecer mais frequentemente?	71
3.10.	Será possível uma comunidade presbiteral mais unida?	74
3.11.	Conclusões	75
CONCLUSÃO FINAL		78
Bibliografia		82
Índice		88